

Oferta  
10. NOV. 1998

# NÊSTE NÚMERO



O almirante Horthy, regente da Hungria, é um grande desportista náutico. Ei-la com a esposa durante uma excursão.

(Ver comentário nas páginas centrais)



Igrejas Caero e Irene Velez vão formar uma nova «dupla» da nossa Rádio.

(Ver notícia na página 4)



Costa Brochado, numa sensacional entrevista, diz que Fernando Pessoa era monárquico e faz outras sensacionais afirmações.

(Ler entrevista na página 19)



**VIDA  
MUNDIAL**

ANO IV - N.º 178  
12 DE OUTUBRO DE 1944  
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

# ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Chiquinho, o neto do porteiro do Café Lisboa, tem dois anos e é um perfeito desportista

CHIQUINHO é uma das raras crianças — porque elas não raramente são engraçadas e atraentes — que nos arrancam um ah! de admiração. Apenas porque é um «bébé» rochunchudo, esbelto, lindo e sorridente? Não, senhores. Há milhões de outras crianças de dois anos que não entusiasman nem espantam quem os vê. Só o Chiquinho, que foi este ano o encanto e a figura mais popular da praia de Caxias, é realmente uma criança excepcional, porque é um caso raro — vamos a dizer único — de precocidade.

Se tivesse nascido na América, era hoje uma pessoa célebre, tinha corrido mundo nas fitas de celulóide, que sabemos nós — tinha ganho milhões de dólares, para que a sua educação ficasse bem à prova de vicissitudes...

Como nasceu em Portugal, Chiquinho que sabe nadar, jogar o futebol e fazer ginástica, ali, na perfeição — foi apenas célebre em Caxias. Durante o banho matinal, a praia em péso caía-lhe em cima para o ver bater todos os «records» — ele está só em campo, que sabemos — de natação, como menino de 22 meses. Nadava que se fartava, ao lado do pai!

Naturalmente, o leitor mais esperto vai supor que os banhistas de Caxias estão em presença de uma «habilidade», de uma simulação. Porém, não é verdade: o Chiquinho, de vez em quando, para provar que é um nadador absoluto, longe e fora de pé na areia, lançava uns saltos de prancha que era de entusiasmar os circunstantes!

Por isso, o Chiquinho foi a «masquete», o al-Jesus dos banhistas de Caxias, das senhoras principalmente que não se cansavam de o elogiar a seu modo:

— Coitadinho, tão pequenino e já faz isto tão bem!

Mas, não é tudo. Este completo desportista de 24 meses, depois da sua banhoeca e de tanto salto da prancha para a água, para reativar a circulação do sangue, faz ginástica com o pai, um modesto e honrado operário, que, orgulhoso das proezas do filho, comanda com voz possante:

— Ombros... um... dois... acima... abaixo... um... dois...

Tudo quanto o Chiquinho faz é bem feito e «jogo leal». Mas, quando joga a bola com miúdos da sua idade ou mais crescidos, dá-lhes sempre água pela barba, porque é de espírito já de uma técnica insuperável, com «passes» que revelam a categoria do futuro jogador.

Se fosse no estrangeiro, qualquer clube de categoria, tomando-o sob a sua direcção, faria dele um grande «atleta». Lembramos ao pai que o leve ao Benfica, que talvez o aproveitassem, pois é benfiquista, o pai de tão excepcional rebento.

Não sabemos se o pequeno e o pai estarão dispostos a seguir o nosso alvitre mas o que desde já garantimos é que, quer se faça ou não jogador, Chiquinho é já um furioso benfiquista. Na última vez que o vimos perguntámos-lhe se não preferiria o Sporting mas, com o ar mais convincente deste mundo, Chiquinho declarou, na sua primeira «entrevista» para a imprensa:

— Por nada deste mundo!

E, à despedida, perguntámos-lhe:

— Que queres vir a ser?

Resposta do Chiquinho:

— Talvez porteiro... ando a treinar-me com o avô...

O pequeno «fenómeno» referia-se ao «Zé», o conhecido porteiro do Café Lisboa, tão estimado nos meios teatrais e jornalísticos...

E, assim, se não acreditarem na precocidade do Chiquinho — perguntem logo ao avô se não é verdade o que aí fica...

HENRIQUE COUTINHO



Olhem só o meu mergulho!

Não acreditam que sei nadar?



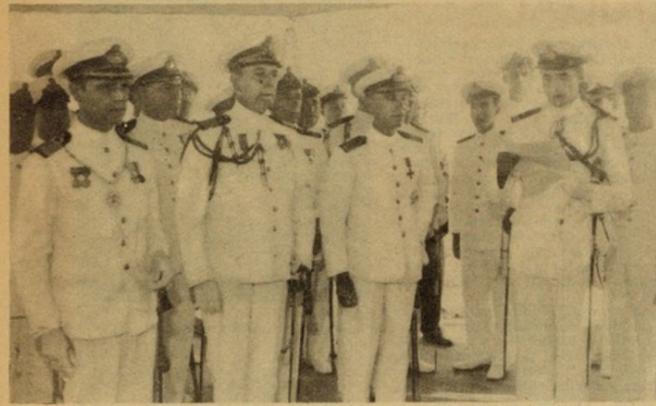
Pois, agora, vou saltar a prancha!

Chiquinho, futuro benfiquista!

NOTAS RAPIDAS



A mais bela crónica do antigo teatro de D. Amélia e do seu empresário visconde de São Luiz de Braga, leu-a há dias, no novo salão de festas do cinema S. Luiz, o ilustre escritor e jornalista sr. Dr. Augusto de Castro. A cerimónia dessa inauguração revestiu-se de um brilho excepcional, pela categoria do conferencista, pela categoria da assistência e pelo valor que representa esta inauguração. Vemos, na foto, o Dr. Augusto de Castro e, sentados, as senhoras da família do visconde de S. Luiz de Braga e João Ramos, fundador do antigo D. Amélia.



O sr. capitão de mar e guerra Ortins de Bettencourt, até há pouco ministro da Marinha, foi nomeado e tomou posse do seu alto cargo, comodoro da Força Naval da Metrópole. A cerimónia do empossamento efectuou-se a bordo do aviso «Afonso de Albuquerque», navio-chefe da esquadra, vindo-se no «cliché» que damos junto, o novo comodoro ao lado do comodoro cessante, sr. capitão de mar e guerra Oliveira Pinto, e do comandante do «Afonso de Albuquerque», sr. capitão de mar e guerra Guerreiro de Brito.



O sr. Cordeal de Lisboa regressou à capital, depois de uma larga e imponente viagem à roda das províncias portuguesas, do arquipélago e do ultramar. A recepção triunfal que lhe foi reservada no regresso e por terras ultramarinas mostra o significado desta viagem, num momento em que a unidade da nação faz um apelo para todas as suas forças morais e materiais.

Quando o caldeireiro andava pelas ruas...

TUDO se transforma no mundo — os usos, os costumes deixam de existir, facilmente, com o bater contínuo dos anos. Um dos usos antiquíssimos — e que hoje já não existe — é o caldeireiro ambulante que calcurreava as ruas da cidade, com a sua ferramenta para trabalhar onde o chamavam. O seu pregão era interessante. Trazia sobre o ombro um ferro e, parando a qualquer esquina batia com o martelo em cima daquela grossa barra, produzindo um som estridente. Já toda a gente sabia de que se tratava. O caldeireiro pertencia àquela classe de mistérios ambulantes que se assemelha ao moderno «funileiro à porta» — e ao «amolador de navalhas». Dêstes ainda se topa, pelas ruas, principalmente, mal as primeiras chuvas se anunciam. O amolador, que com o seu típico carrinho e as varetas sobre os costados tocam uma gaita para serem conhecidos.

O povo, quando os ouve, costume dizer que vamos ter chuva. Seja como for, a verdade é que o amolador parece provocar as iras dos temporais. E é sabido que a chuva anda próxima...

Estes humildes trabalhadores vivem nos bairros excêntricos. De manhã salem à rua e o seu ganha-pão é feito numa extraordinária luta, palmilhando léguas sobre léguas. São, na maioria, filhos da Galiza, e, até certo ponto sucessores dos aguadeiros. O rachador era, também outro tipo popular. Andava pelas ruas com o machado e o maço às costas, levando nas mãos as cunhas de ferro, com as quais batia ao som de castanholas, para dar sinal de que o passando, aos que necessitavam do seu ofício. O rachador, é, porém, dos mais antigos. Porque o uso do carvão veio destroná-lo. Em 1552, numa estatística de ofícios e mistérios da cidade de Lisboa dizia-se que existiam 25 fendeiros de lenha, que andavam pelas ruas. Com as estâncias e carvoarias o rachador passou a não ter que fazer — e teve que procurar outro modo de vida. Geralmente empregou-se naqueles estabelecimentos e aí recomeçou a sua faina de cerrar e partir medas de lenha. Diz um escritor, referindo-se ao uso da lenha: «Hoje vão já desaparecendo as achas que as tendas

costumam ter à porta, muito à mão de semear... bordoadas, porque não poucas sovas se davam dantes com elas, e tão afelgoadas pareciam para este efeito, que se tornou proloquial dizer para despique: isto só com uma acha de lenha! Vieram as bolas de cisco expulsar as achas das fornalhas e o coque do carvão de pedra val-as substituindo já rapidamente. O caldeireiro, como vimos, é hoje representado pelo funileiro, de ganga e boné, que todos os dias corre os bairros pobres a pôr pingos em panelas. Dantes o caldeireiro — havia especialistas de cobre e arame — era um ofício dos melhores. Mas desde que se deixou de pôr ao lume a caldeira para fazer comida e se pôe a panela escassa e o tacho de barro nunca mais deu nada. Basta dizer-se que os caldeireiros tinham uma rua para estacionarem — chamava-se a caldeira-ria.

E como não há onde o caldeireiro se empregue, ele inventou outra coisa: pôe «gatos» na louça partida. Aqui está: é uma maneira de ganhar a vida.

Os tempos duros do cobre foram-se — agora é tudo louça — e louça barata.



Bibi quiere ser vedeta!

A Bibi fez, ante-ontem, quinze anos. É uma garota estovada, ladina, com o seu peçadinho de «batons» e sapatos de meio-salto, que lhe dão esbelteza ao seu corpo esguio, de «miss» da Outra-Banda. Bibi doutorou-se, no ano passado, na ampla sala dos actos do S. Luiz em ciências cinematográficas. Nunca faltou a nenhuma aula naquele estabelecimento de ensino, quer chovesse, ou trovejasse. A sua grande aplicação ao estudo levava mesmo a frequentá-lo de tarde e à noite. Só assim conseguiu, aliás, versar com raro brilho a sua tese: «a paixão, o amor e os truques na tela». Foi sua argüente a «tití» Encarnação, duas vezes borla e capelo em questões de cinema, que, no final a abraçou comodamente e a presenteou com a cabeça do Tyronne na cópia mais recente da Life. Bibi rejubilou. Não há no bairro criatura tão sapiente — nem mesmo o regedor, o sr. Sousa da mercearia que só se distrai no cinema, que seja capaz de manter controvérsia cinematográfica com a Bibi. Ela sabe tudo. Os amuos, os vestidos, os suspiros — as fugas, as paixões, os amores de todas as constelações que Hollywood tem inventado. O papá da Lili é reformado da música — foi aposentado por falta de embocadura — e trabalha, saudável e fresco, numa fábrica de zarpes; a mamã é professora de surdos-mudos — e como já lecciona há vinte anos exprime-se mais por mímica de que por sílabas. Na rua chamam-lhe a Dona Rosa professora ou, então, a mãe da Bibi — porque a filha, irrequieta e desatinada dá bem que falar pela família inteira. Fez o exame de instrução primária, inteligentemente, ao fim de sete matraquados anos em que atirou com duas professoras para o sanatório e pôs o explicador, um bellissimo rapaz do sétimo ano dos liceus, cliente assíduo do Dr. Egas Moniz.

Feito o apparatus exame, a família radiante, com tão prometedor rebento, perguntou-lhe:

— «Que dejeses ser Bibi? Médica ou professora?»

Bibi abriu muito os olhos. Repuzou as melenas para trás das orelhas e de pé, como Napoleão em cima das Pirâmides, atirou com voz autoritária: quero ser «vedeta»!

Isto duma mulher querer ser vedeta é um pouco mais difícil que meter roupa em sabão ou fingir que lava sobrados. Porque, na verdade, pode começar-se por esfregar casas e vir parar a vedeta de palco. É uma questão, no fundo, de «sobrados». Agora quando se principia por vedeta, sem mais esta nem aquela só porque houve um encontro amigo — isso bem se pode guardar a escova a um canto que, mais tarde ou mais cedo, deve servir. Pois a Bibi, cheia de talento, queria ser vedeta. Vedeta de quê? Felizmente que em Portugal há mais vedetas que em qualquer parte do mundo. As grandes nações poderosamente armadas têm de tudo: couraçados, aviões, fortalezas; nós temos «vedetas». É uma questão de estratégia a que não é estranha a configuração geográfica do país; navegação costeira e de longo curso necessitam sempre da vigilância... Para isso lá estão as vedetas. Devemos ser, no mundo, a primeira frota de vedetas. Só a grande armada do fado tem para cima de noventa, não contando com algumas antigas, já desarmadas — e outras que estão nas docas para reparação; depois vem a esquadra, sempre gloriosa de adjectivos que é o Teatro: — aí não se fala, são inumeráveis as vedetas, algumas com muito uso mas fazendo bellissimo serviço, depois de pintura fresca; seguem-se as vedetas-fortalezas... do cinema: as dúzias, valentes e destemidas sem olharem o «Pôrto de Abrigo». Mas se ainda esta avalanche de vedetas não bastasse os estaleiros, continuamente a trabalhar, apresentam as vedetas-voadoras, última criação, dum modelo americano.

Depois desta espantosa importação do Novo-Continente, nada se pode comparar. Chegam-se a fazer duas e três por semana nos estaleiros do Queijas, — não falando nesses arsenais da Parede, da Graça, de S. Vicente e agora do Pôrto... e do Pôrto Brandão. As vedetas-voadoras, providas de modernismo atacam tudo: bombardeiam Schubert, arrazam Rossini e estão agora sitiando com uma praga de «swings», «rumbas», as lindas províncias, cheias de côr, onde o folclore desiludido vai morrendo com a «caninha verde» nos ouvidos...

A ofensiva das vedetas-voadoras é, na realidade, uma coisa assombrosa. Depois são difíceis de identificar, porque a gente pode ouvi-las no ar — sim, porque na verdade elas ouvem-se mais pelo ruído do que se vêem — e não as identifica: se circular com a bandeira da terra do «swings» percebe-se logo, que não é bem americana, pela confusão de côres, mas, também não é a inglesa porque lhe falta qualquer coisa...

Ora voltando: a Bibi queria ser vedeta. Não especificou de quê. De modo que, neste arazoado, fica a petição duma garota endiabrada, que fez ante-ontem quinze anos. Ela pediu-me — e não o posso negar. É preciso proteger as vocações. Tem instrução primária, frequenta o cinema ainda a mamã a calava com a chucha na boca — e sabe cantar «A mulher do paiêiro» e da ópera o «Zé do Telhado», o «ninguém foge ao seu destino». Não tem voz; ela disse-me que isso era o menos — quem canta é o microfone — ela basta «assoprar».

MANUEL MARTINHO

Mundo musical Beatriz de Sousa Santos vai para a América



O meu pai queria que eu estudasse medicina. Mas eu não tinha «queda» nenhuma para isso!

...Foram estas as primeiras palavras de Beatriz de Sousa Santos, quando lhe falámos dos seus primeiros tempos da música.

E a pianista, de ouvido e dedos portentosos, recorda:

— Tinha onze anos quando dei o meu primeiro concerto com violonista, acompanhada pelo maestro Wenceslau Pinto. Mas, francamente, o piano seduzia-me. Tinha para mim um encanto diferente. Dediqualhe todo o meu entusiasmo e aos 17 anos era pianista. Cada dia que passava, descobria um segredo novo, na música e no piano. Fiquei portanto com os dois cursos do Conservatório: o de violino e piano. A minha entrada para a Emissora devia ao grande amigo, mestre Schwabach.

— Passou, pois, a pianista...

— Claro. A minha estreia foi para tapar a falta da pianista na Orquestra Raúl de Campos. Assim principiei, oficialmente...

— ...em boa-hora, diga-se...

Beatriz sorri.

— Ganhar dinheiro a tocar música, em Portugal, é muito difícil, meu amigo... Pode ser-se artista fenómeno, mas quem pensar em viver só da música, já sabe que perde tempo e... saúdel...

— Diga-me: a sua preferência pelo piano é apenas... paixão?

— Um artista guarda um silêncio. Depois, responde, sinceramente:

— Em primeiro lugar, preferi o piano por paixão. O piano, todavia, proporciona outros proventos. Ser concertista de violino equivale, quasi, a ter um ou dois concertos por ano... O piano dá outra defesa. Na Emissora Nacional, por exemplo, há possibilidade de aparecer com uma certa frequência, em vários programas. Olhe: agora estou contratada para o S. Luiz. Tenho de tocar nos intervalos do cinema, no antigo Jardim de Inverno. É uma inovação curiosa, em Lisboa.

— Toda a época?

Beatriz não contém o riso:

— Quali... Apenas um contrato de trinta dias.

— As miscelâneas constituem o género favorito, não é verdade, Beatriz?

— É um género muito do agrado do público. Também gosto dele. Mas aprecio igualmente a música séria. Cada qual tem a sua oportunidade.

A propósito, dir-lhes-ei, que brevemente tocarei a 5.ª sinfonia de Beethoven com a Orquestra Sinfónica Nacional.

— Falou-se na sua ida para a América...

Beatriz atalha vivamente:

— É verdade, como pode ver.

— Lemos o telegrama da N. B. C., de Nova York. Proposta tentadora: cerca de 240 contos por ano!...

Assim, sim, é que apetece viver!...

— E, então, que resolve?... — Parto em Março. Estou decidida...

A não ser que, em Portugal, me fizessem uma proposta, já não digo irmã daquela, mas que compensasse a renúncia a tão belo contrato.

— Em Nova York exhibir-se-á em público?

— Não, não. Tocarei só para o Rádio. Embora tendo muita simpatia pelo público, receio muito enfrentá-lo. Sou excessivamente nervosa. Lembrar-me que vou tocar agora, no S. Luiz, perante tanta gente!...

Beatriz elucida ainda:

— A proposta que me fizeram de Nova York comporta agora outra modalidade: a gravação de discos. É um trabalho pago à parte — e muitíssimo bem pago!...

— Então em Março lá vamos ao «bota-fora»...

Um mixto de esperança e receio se desenha no rosto da simpática e ilustre pianista:

— Sim, assim será. Só o que me preocupa é não saber bem inglês!...

— Ora, Beatriz, isso não tem importância. Para receber duzentos contos, não é preciso falar inglês...

Basta saber tocar em português...

LANÇA MOREIRA

# RADIO NOTA DA SEMANA

**C**OMEÇAM a descortinar-se nesta complexa e difícil arte do Rádio, as primeiras regras fundamentais, ou, pelo menos, alguns princípios fundamentais. Até aqui a Rádio tem vivido da intuição e da boa-vontade dalguns. Agora já é possível, em muitos casos, saber o que «não deve fazer-se», se bem que nem sempre se saiba o «que deve fazer-se...» Devemos deixar passar o tempo e ir aprendendo com os mestres o que é preciso para o bom nível da nossa Rádio. A Radiodifusão portuguesa, ainda na sua infância, não pode ter sentenças definitivas em relação aos seus numerosos problemas. Devemos fazer tudo o que pudermos, para todos os dias aumentarmos a longa lista «que não deve fazer-se...».

E se assim fizermos, a nossa Rádio, dentro em pouco, será notável no ambiente Radiofónico mundial.

EXT. «MICROFONE», 1943.

## «GONGS»

Crítica  
Informação  
Comentários

Rádio Clube Português tem, há pouco tempo, como seu locutor, um novo cheio de qualidades: Artur Agostinho. Artur Agostinho, conhecido locutor das nossas estações centralizadas, deu um salto justo na sua carreira como consequência lógica do seu bom trabalho.

A R. C. P. e a Artur Agostinho os nossos parabéns.

\*\*\*

No camarim do artista da Rádio brasileira, Almirante, actualmente contratado na «Rádio Nacional», está pendurado na parede um quadro que apenas tem, em letras bem visíveis, a seguinte frase: «Rádio só é diversão para quem ouve; para quem faz é um trabalho como outro qualquer, por vezes pesado». Isto é uma verdade que era necessário fosse do conhecimento de certos rádio-ouvintes...

\*\*\*

A Argentina e o Brasil estão intensificando o intercâmbio artístico e radiofónico. Esta medida, do mais elevado interesse para a Radiodifusão destes países, merecia bem ser estudada e adaptada aos nossos meios. Actualmente, a Argentina tem nas suas emissoras um elenco de artistas brasileiros do qual faz parte, por exemplo, a artista Virgínia Lane, que está alcançando enorme êxito.

\*\*\*

A inconstância do «naipes» de locutores de Rádio Peninsular, é notória. Se as culpas não são dos dirigentes de R. P., é caso para lastimar... visto que achamos este caso mais prejudicial à orgânica da estação do que ao agrado do ouvinte.

\*\*\*

A E. N. transmitiu durante o mês passado alguns programas de «Variedades» do E. R. N. Estes programas foram organizados com elementos do Pôrto, e destacaram-se pelo relativo acerto, mesmo em comparação com as «Variedades» de Lisboa. Individualmente, apenas julgamos dignos de destaque Rezende Dias e Maria Margarida. Rezende Dias, principalmente, parece-nos ser um elemento indiscutivelmente valioso.

Infelizmente, quanto a nós, as locuções de Ernesto Oliveira, principalmente a última.

## “VIDA MUNDIAL ILUSTRADA” VISITOU O CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

O «Clube Radiofónico de Portugal» possui o que, a nosso ver, constitui o principal motivo de interesse... — uma feição única: é uma associação que não pertence ao Senhor A ou à empresa B; é uma associação, que é mais dos seus associados, do que dos seus dirigentes. Isto — honra lhe seja feita — é quasi heróico no actual ambiente radiofónico português... O C. R. P., dirigido por uma Comissão administrativa, tem ainda — como consequência da sua orgânica — o ar decente e cativador de não ser um «negócio encapotado»...

Este julgamos ser o maior elogio que, justamente, o C. R. P., merece.

Se deficiências se podem notar, numa análise mais pormenorizada — e certamente as tem —, o primeiro contacto e a ideia em si são bastante lisonjeiros para o «Clube Radiofónico de Portugal». — A sua comissão administrativa, os colaboradores e os seus próprios associados, devem sentir-se bem, no desenvolvimento dum trabalho e dum obra que tão agradavelmente se apresentam, baseados em tão bons alicerces.

\*\*\*

Ao visitarmos o C. R. P. notámos que as suas instalações e aparelhagens estão sofrendo grandes modificações. O C. R. P., actualmente em obras, prepara-se para maiores voos...

A Comissão Administrativa actual, sob a presidência do sr. Eduardo Salgado (e contando com os srs. A. Santiago, J. Félix Ribeiro, M. Neto, M. Sebastião, J. de Oliveira Coelho

e Liberto Contreiras), tem desenvolvido um trabalho que elevou o clube à posição em que se encontra, sempre auxiliada pela boa vontade de colaboradores e amigos. Dentre estes pretendemos salientar o sr. Mário Lisboa, homem que à Rádio tem dado o melhor do seu esforço e que os rádio-ouvintes já conheciam de Rádio Peninsular. Foi ele quem nos atendeu e acompanhou nesta visita ao C. R. P. Com êle conversámos e poi êle soubemos interessantes pormenores do trabalho realizado por esta simpática estação emissora. O sr. Mário Lisboa, actual director dos Serviços de Rádio do C. R. P., diz-nos:

— Temos tentado valorizar, tanto quanto possível, as emissões da nossa estação. Assim, julgamos ter conseguido um bom nível nos programas sérios, como por exemplo nos que transmitimos periodicamente com os alunos dos cursos superiores — seções de Música, Canto e Arte de Dizer — do Conservatório Nacional e na nossa «Hora de Jantar», de cultura musical, onde têm passado grandes artistas nacionais. A nossa estação mantém ainda programas que julgamos de indiscutível interesse, como por exemplo «Portugal-Brasil» — um documentário dirigido por Guedes de Dion — destinado a dar o maior relevo aos assuntos que se prendem com ambas as nações; «Ultramar Português», com a colaboração da «Agência Geral das Colónias» e da «Casa dos Estudantes do Império»; «Apontamentos Musicais», com o compositor Marques Ribeiro; «Quadros da História de Portugal», de Baptista Lourenço; «Imagens do Império», da minha autoria, etc., etc.



O sr. Eduardo Salgado, presidente da Comissão Administrativa do C. R. P.

— Sobre beneficência, consta que a vossa estação tem um plano estabelecido. É verdade?

— Sim... Fazemos o que podemos. Há pouco ainda, fomos agraciados pela Federação das Sociedades de Educação e Recreio com a medalha de prata de «Bem-fazer». Mantemos uma campanha a favor da Biblioteca do Pavilhão de Isolamento do Hospital do Régo, denominada «Campanha das transfusões de sangue». Mantemos um programa especialmente dedicado aos doentes dos hospitais de Lisboa... Enfim, fazemos o bem que podemos; pena é que mais não possamos fazer...

— Diga-nos, Mário Lisboa, o que supõe ser a melhor medida para a valorização do trabalho de C. R. P.?

— Creio que o nosso pior obstáculo é o campo restrito para que trabalhamos... Precisávamos de maior potência. Assim e reciprocamente, creio ser a nossa melhor vantagem o aumento de campo ouvinte... Gostaríamos de ser centralizados pela E. N. — se possível fosse... — para que os nossos programas tivessem maior expansão... Também nos agradaria a ideia da formação dum secção oficial de Rádio pelo «Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular», que oferecesse e controlasse uma centralização por emissor próprio, que, indiscutivelmente, seria mais potente do que o actual centralizador... A nossa ideia, ao desejarmos ser centralizados por uma estação com maior potência baseia-se no facto de queerr... conseguir uma maior projecção... Actualmente, quando queremos atingir maior distância temos de repetir certos programas em estação de maior potência, como «Rádio Renascença», por exemplo.

— Dê tempo ao tempo, Mário Lis-

(Continua na pag. 16)



Grupo de variedades do «C. R. P.» dirigido por Fernando de Oliveira, onde se vêem este artista, Livia Jacques, Estrela de Sousa, Martinho de Sousa, o locutor Elísio Lacerda, a pianista Ernestina de Oliveira e outros

## Uma nova “dupla” na rádio...

Se estivéssemos no Brasil era assim, com certeza, que o caso aparecia nos jornais... Isto simplesmente porque um novo par, aparece no nosso ambiente radiofónico. Esse par — a «dupla...» — é constituído por um casal de jovens artistas, que o público conhece e aplaude. Igrejas Caetano e sua mulher Irene Velez, surgem, com foros de continuidades, dialogando «Preguntas de algibeira» um programa de Amadeu de Freitas e Frederico Alves.

Oxalá a «E. N.» transmita por muito tempo o programa que se apresenta com o simpático casal Igrejas Caetano-Irene Velez. E oxalá o casal se dê sempre bem... ao microfone, pelo menos!...



## ÊXITOS DA RÁDIO

NO AZUL DO CÉU...

No azul do céu  
ao contemplar  
o fogareu  
da luz solar...  
Vejo afinal  
que a mãe de Deus  
a pós tal qual  
nos olhos teus...  
E fico a meditar  
pois são iguais  
postas a par...  
Por fim, não sei  
se a luz que vi,  
é do astro-rei  
ou vem de ti...

Música: Fernando Carvalho

—Versos: João Bastos

(Do filme «A Mentira da Rádio»)

## Cartas aos ouvintes

RITA G. FERREIRA — 1 — Não sabemos. É possível que o organismo em questão saiba responder. 2 — Proponha o que pretende à direcção dessa estação emissora.

ANTÓNIO MARQUES — Sômos de igual opinião. Por enquanto nada pode fazer-se.

«OUVINTE OOO» — Olavo de Eça Leal está contratado pela «Cinelândia». Deixou a Rádio profissional.

Uma ideia a ponderar

Porque não se cria o Grupo dos Amigos do Teatro para fazer a divulgação de novos autores e novos artistas?



Todas as noites, «Oreste» — Marais — ajudava «Andronaca» — A. Ducaux — a preparar-se.

ANDROMACA

foi retirada de um palco de Paris porque não era decente...

EM 1667, Racine escrevia a sua magnífica tragédia «Andromaca» — uma bela refiguração do estro grego de Eurípedes. Pois, há pouco, uma nova companhia resolveu montar em Paris essa peça de paixões sempre novas, com o rodar dos séculos, porque os homens, as suas fraquezas e as suas virtudes se repetem no tempo e no espaço. Para montar este espectáculo, Jean Marais teve a coragem de cometer algumas ousadias: além do desempenho do papel de «Orestes», foi o ensaiador e o decorador da cena. A crítica pasmou e falou vivamente. Os mais moderados acusaram Marais de «ousado», que a sua interpretação era «fraca», a «mise-en-scène» pareceu-lhes pouco dentro do espírito da tragédia e, enfim, de um modo geral, dizia-se que os actores tinham deformado os versos racinianos.

Pensou-se, ainda assim, que a carreira da tragédia agora reposta — agora, é como quem diz, porque foi pouco antes da libertação de Paris — devia ser muito longa.



Este estranho penteado de «Herminne» — Michèle Alfa — provocou as mais estranhas discussões.

Mas, de repente, surge um elemento em cena com que ninguém contava: um comunicado da Milícia que «entendeu que, em nome da moralidade pública e da protecção intelectual da França «Andromaca» de 1944 devia ser retirada imediatamente da cena.

E «Andromaca», por ordem do Prefeito de Paris — onde estará de agora? — saiu do palco, pela primeira vez, em nome da moral e da decência...

NO CONSERVATÓRIO VAI ENSINAR-SE GINÁSTICA...

NINGUEM nos disse nada, a notícia não tinha vindo a público...

Mas o Conservatório apressou-se a informar o público, pouco depois da aqui fazermos ligeiros reparos ao facto de, naquele estabelecimento de ensino, não se ministrarem a prática de ginástica. Quere dizer: tínhamos absoluta razão quando nesta página pedimos que fossem criadas aulas de educação física. E esperamos que se reconheça a vantagem de criar as restantes condições indispensáveis para manter a «forma» dos nossos artistas dramáticos e, do mesmo modo — acrescentaremos hoje — dos artistas líricos e que só pode ser assegurada numa aula ministrada por médicos.

A informação que foi prestada à Imprensa — a nós, o Conservatório não no-la forneceu — diz que, pelo menos três vezes por semana, serão ministradas aulas de ginástica. Quando, porém, virá o tempo em que à ginástica se dê papel igual ao do ar que respiramos ou do pão que comemos?

Ginástica três vezes por semana... Não será amadorismo condenável? Por que havemos de ficar em tudo numa confrangedora mediocridade?

O problema dos «novos», em teatro, continua no mesmo pé de há anos: os palcos são para meia-dúzia que tem os seus honorários de ante-mão mais ou menos assegurados, para os consagrados e para um ou outro jovem autor a quem calha uma rifa premiada, lá de tempos a tempos, entre tantos candidatos a autores representados. Evidentemente, as empresas, não podem aventurar-se constantemente, a fazer experiências. A verdade é que do que para aí se representa, bem pouco mereceria a aprovação de um grupo de críticos conscienciosos — e a prova é que as peças caem, como se fossem das consideradas piores.

Como se vê, não criticamos cem por cento os empresários e directores de companhias pelo facto de não ampararem, como o Teatro reclama, os possíveis autores dramáticos que há por aí desencorajados, quando o nosso quadro de escritores tanto precisa de ser renovado.

Mas, se não há possibilidade de colocar nas empresas a produção dos novos que trabalham sem estímulo — por que não há de fazer-se alguma coisa fora do auxílio dos palcos?

Em Lisboa há outros palcos — citemos, em primeiro lugar, esse pequeno palco do S. Luiz agora inaugurado, ou então, esses outros que existem por exemplo, na Casa das Beiras e do Alentejo — onde não se poderiam representar peças, mas onde a sua pública leitura e discussão poderia fazer-se com benefício evidente do Teatro. Bastaria que um grupo de artistas e de críticos se juntassem no desejo de prestar serviço ao Teatro, que criassem qualquer núcleo com reuniões periódicas, e que publicamente comentassem quantos originais lhes fossem submetidos a parecer.

Jorge de Faria, Norberto Lopes, Matos Sequeira, Brunilde Júdice, Assis Pacheco, Robles Monteiro — tantos, tantos críticos e artistas — até artistas desempregados ou recentemente saídos do Conservatório — que podiam incumbir-se da leitura e do comentário de peças, cujos autores não fossem revelados.

Digamos desde já, entretanto, que a ideia não nos pertence. Recolhe-mo-la recentemente, numa revista francesa que nos dava conta do funcionamento, em Paris, do Theatre de Poche, neste género. Duas vezes por semana, alguns dos «sócios-artistas» desse clube reúnem-se num pequeno tablado, à volta de uma mesa, com os papéis à sua frente. Lêem assim as peças, depois de os papéis terem sido devidamente estudados e, às vezes, para documentar melhor o valor da obra, representam uma ou outra cena. Na platéia, outros sócios-actores, autores e críticos, seguem a leitura e comentam-na no fim, aprovando ou reprovando, dando conselhos, propondo correcções à obra, cujo autor assiste incógnito ao debate. E não raras vezes, os empresários parisienses assistem também a estes debates, inteiram-se do valor dos trabalhos — e muitos deles têm transitado para a luz da ribalta!

Por que não havemos nós de fazer o mesmo? Por que não havemos de unir-nos para criar um núcleo de Amigos do Teatro? Porque não havemos de servir-nos da terapêutica francesa, onde também abundam os autores novos, lastimosos da indiferença dos empresários, e apontando-lhes, deste modo, futuros actores e futuros autores?

Não são precisos capitais, não são precisas outras coisas que não sejam: espírito de iniciativa, boa-vontade, amor ao teatro.

Quem se negará a uma comparticipação?

UMA FESTA NO ESTORIL

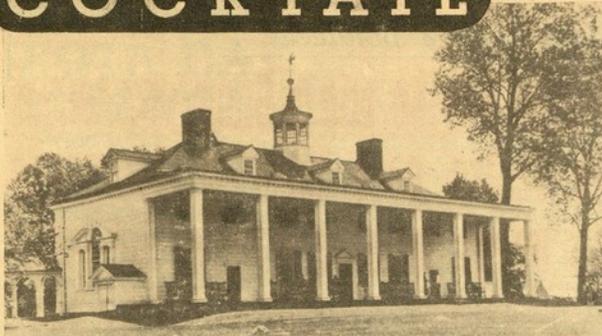
«Allô! Allô! Costa do Sol» — eis o sugestivo título da revista-fantasia que um grupo de crianças da linha de Cascais representaram, há pouco, no Casino do Estoril. A festa teve carácter beneficente, pois reverteu a favor do Hospital Condes de Castro Guimarães, da Misericórdia de Cas-

cais, o espectáculo dirigido pela experiência de Contreiras.

Damos, na foto, um dos quadros mais graciosos da fantasia, onde não faltaram lindos bailados, cantores de ópera, números do folclore português e tudo o mais que a petizada tão bem soube representar e cantar.



# COCKTAIL



## UMA CASA HISTÓRICA

**E**STA foi a casa em que nasceu George Washington. Ela ainda se encontra, lá, no alto da colina, em Mount Vernon, sobranceira ao rio Potomac. Apesar de construída em 1743 — há mais de duzentos anos — a casa conserva-se intacta e guarda avaramente, como tesouros, as mobílias, os livros, os quadros, os instrumentos musicais e as mil e uma coisas dos tempos de Washington.



## BOX NA MONGÓLIA

Eis uma imagem sugestiva dum recente combate de «box» travado na Mongólia. Como vêem, o «ring» é enorme e a assistência mantém-se afastada... por causa das coisas. Além disso os golpes permitidos são todos «mimosos» como este...

## Um testamento original

**Q**UANDO faleceu em Paris o marquês d'Orre d'Aubais, um dos vultos mais originais de França, o seu testamento provocou um verdadeiro pasmo. Começou por legar aos Correios de França um milhão de francos. Mas impôs condições extraordinárias.

Primeiro, o marquês exigia que o seu corpo fosse embalsamado. Depois pedia que construissem uma casa pequena, sobre os rochedos de Carro e que as paredes de frente para o mar fossem apenas de vidro...

O seu corpo seria colocado nessa casa, acompanhado por um aparelho de T. S. F.

E assim, no Pôrto de Carro — muito perigoso para os viajantes do mar — ergueu-se uma casinha pequena, de paredes de vidro, onde se colocou, sentado de frente para o mar o corpo embalsamado do marquês d'Orre d'Aubais.

Houve dificuldade em conseguir tudo isso. Mas hoje, o aparelho de T. S. F., avisa os barcos dos perigos que correm no pôrto Carro e os pes-

cadores olham gratos para o corpo do marquês, sempre na mesma posição para além das paredes de vidro...

## FABRICANTES DE OLHOS

**H**Á um século, mais ou menos, estabeleceu-se na Alemanha a fabricação de olhos artificiais de vidro. A indústria deve-se a um tal Ludwig Mueller-Urt, que enriqueceu dentro em pouco.

Desde então, o trabalho tem-se aperfeiçoado grandemente, de tal maneira que não tem rival em todo o mundo. A Alemanha exporta olhos artificiais, no valor de muitas centenas de milhar de marcos. O centro principal da Indústria é em Lauscha, Turingia, onde muitas mulheres fabricam olhos em casa. E nas grandes cidades, artistas eméritos fabricam olhos de vidro com cores e formas absolutamente iguais aos olhos humanos...

## Uma excentricidade americana que é útil e serviçal

**E**XISTE em Filadélfia (Estados Unidos) uma associação denominada «Second Alauers» que se pode traduzir para «Segunda Prontidão». Constituída de cidadãos de todas as classes, a sua finalidade é a de auxiliar os bombeiros e a policia da cidade, em todas as emergências. Os «Second Alauers» estão sempre alertas para acudir aos soldados do fogo e da ordem, servindo-lhes, por ocasião de incêndios, etc., café, sanduíches e até assistência médica.



## Lendas e tradições da música indiana

**P**ELA sensibilidade do povo, a música indiana está estrita e fundamentalmente ligada à ideia da religião.

Ainda que hoje os indianos acreditem no poder superior de «vach» (a palavra) os filósofos antigos proclamam que o mundo vive baseado no poder sobrenatural de «Nada-Brahma» (o som).

A origem mística da música entre os indianos, tem o seu quê de verdadeiramente pitoresco: acreditam eles que as seis melodias primitivas da Índia, as «Ragas» devem-se a Siva, o grande Deus, o qual fez brotar cinco dessas melodias das suas cinco cabeças, enquanto Pawati, sua esposa, engendrava a sexta.

Por sua vez, as melodias secundárias, os «Raginis» têm Brahma como autor e estão revestidas dum poder incrivelmente mágico.

Conta-se até que no tempo do Imperador Akbar vivia um músico extraordinário chamado Mia Tonsine. Este músico possuía uma voz tão prodigiosa e com tal poder que certa vez, estando a cantar um «Raga» nocturno, fez com que começasse a escurecer súbitamente, caindo a noite em volta do palácio e até onde o seu canto chegava.

A tradição indiana coloca cada nota sob a protecção dum deus e dá-lhe uma cor simbólica. Aliás, a própria significação etimológica de «Raga» é paixão, cor, intensidade.

A lenda estabelece igualmente que os seis «Ragas» primitivos têm cada um cinco esposas chamadas «Raginis» e estas, por seu lado, possuem oito filhos cada uma delas, o que dá uma totalidade de duzentas e setenta e seis melodias tipo.

O instrumento nacional da Índia é a Vina, inventado e construído por Nareda, o filho de Sarawati, Deus da Harmonia. Consiste numa cana de bambú, com pouco mais dum metro de largo e tendo sete cordas.

Finalmente, como a nossa gravura mostra, a escala da música indiana é composta de sete notas chamadas:

Sharja (Dó), Rishabha (Ré), Gandhara (Mi), Mandhyama (Fá), Pancama (Sol), Dhavata (Lá), e Nishada (Si). Contudo, para o solfejo emprega-se apenas a primeira sílaba. E a diferença de castas reflecte-se também na música. A primeira, quarta e quinta notas da escala correspondem aos brahmanes, a segunda e a sexta aos Kshatriyas e a terceira e a sétima aos Vaishyas...

सा ऋ ग म प ध नि

sà (dó)

ri (ré)

ga (mi)

ma (fa)

pa (sol)

dha (lá)

ni (si)

ESCALA MUSICAL INDIA



Os «Vencidos-da-vida» que constituíam o célebre grupo que tanto alvoroçou a bisonha Lisboa do último quartel do século XIX, estão em plena actualidade. Fala-se d'elles — como se elles vivessem ainda. Pois bem. Vamos dar hoje uma nota, que se nos afigura inédita, acerca do célebre grupo. Os «Vencidos» não formavam um núcleo politico. Um dia, porém, num dos seus jantares no «Bragança», resolveram, por graça, fazer um ministério. Eis a distribuição das pastas: Presidência e Fazenda, Oliveira Martins; Reino, António Cândido; Justiça, Carlos Lobo de Avila; Guerra, conde de Arnoso; Marinha e Ultramar, Conde de Ficalho (porque gostava imenso de atravessar o Tejo); Estrangeiros, Soveral; Higiene e Educação, Ramalho; Obras públicas e privadas, Carlos Mayer; Agricultura e Poesia, Junqueiro; Crítica Nacional, Eça de Queiroz; Ministro do Estado, conde de Sabugosa.

UMA LIÇÃO

Um dia na corte, no tempo de D. Pedro I, um fidalgo descreteava acerca dos triunfos de alguns heróis da antiguidade, e dizia a



certa altura:

— Quando César, coroado de rosas, entrava em Roma, ao seu carro de ouro puxavam quatro elefantes e pelo carro de Marco António chegaram a puxar seis leões... Que grandeza!

D. Pedro, que tal ouvia, comentou:

— E tudo isso, para quê? Se era no verão havia mais poeira; se era no inverno, havia mais lama...

E, depois dum silêncio, concluiu:

— Lama e poeira! Eis em que se convertem as vaidades do mundo...

O MARQUÊS DE SOVERAL



No dia 6 de outubro de 1922 — completaram-se, há pouco, 22 anos — faleceu, em Paris, numa casa de saúde, o marquês de Soveral.

Culto; elegante; viajado; «dandy» por vocação; diplomata por instinto; cultivando, como flores, a elegância e o espirito; amigo íntimo de reis e de príncipes; vestindo com o mesmo requinte, a farda e a casaca, o jaquetão e o «deshabillé» — nada mais justo do que lembrar, agora que passou mais um aniversário da sua morte, o que elle representou, não apenas na diplomacia portuguesa mas na diplomacia europeia da sua época. A República, que o encontrara ministro de Portugal em Londres, dispensou-lhe os serviços. Soveral fingiu não dar por semelhante coisa — e continuou a dispensar os seus préstimos ao país.



(Caricatura de Santana)

GUILHERME CARDIM

Junto a um banco de pedra onde Cardim dormita Um velho, «dandy» culto, gravata multicolor, Diz a uma «miss» loira, perfil tentador, Qual é, por esse mundo, a praia mais bonita.

«Areia que explende ou onda que palpita, Dir-lhe-ei, minha amiga, qual a praia melhor Isto de escolher é uma arte esquisita Em que eu sou, há muito, fino conhecedor.

A praia mais distinta, a de mais fino tom, Aquela em que o mar tem título de Dom, É, no meu entender, a praia de Deauville...»

— «Ó tontos! — interrompe o Cardim que sorri — De milhares de milhares de praias que há p'r'âhi, Só há uma praia boa: as termas do Estoril!»



Em Outubro pega tudo e quem planta no outono leva uma ano de abono. Mas, aíl, se em outubro não chover, porque outubro quente traz o diabo no ventre e o outubro suão más negações de verão. Dos campos te sei dizer, agricultor amigo, que, para em dezembro nascer, é preciso em novembro semear — e em outubro revolver...

REMÉDIO INFALIVEL



Uma senhora da nossa aristocracia e cujo cabelo fulvo, doirado, não era um dos menores atractivos da sua beleza, verificou uma vez — essa senhora começava o seu outono — que, fio a fio, a sua cabeleira ia, não apenas embranquecendo, mas diminuindo. Um dia, resolveu consultar o grande médico Sousa Martins:

— Não me poderia dar qualquer coisa para eu conservar o cabelo? — disse ela. — Posso.

E tirando de sobre a secretária uma pequenina caixa de prata entregou-lha, explicando com o mais filosófico dos sorrisos:

— Os cabelos que lhe forem caindo guarde-os V. Ex.<sup>a</sup>, minha senhora, nesta caixa. Verá como os conserva!

PROBLEMAS



Quando apresentavam a André Brun um homem tido por forte em cálculos matemáticos, Brun punha-lhe logo este problema para a

resolução.

— Dentro duma adega há uma pipa. Uma torneira que despeja cinco litros por minuto leva uma hora a encher a pipa. Quantos anos tem a sogra do dono da adega?

Era certo que o cavalheiro sorria, corava, embatucava, dava ao demo os cálculos, enquanto André Brun, saboreando o risonho sucesso, repetia:

— Então veja lá: quantos anos tem a sogra do dono da adega? Uma coisa tão fácil...

O TOIRO BEBEDO



Em Zamora, Espanha, um toiro tresmalhou-se um dia destes; de corrida em corrida foi dar a uma adega; aí sentindo-se senhor de tudo, investiu contra uma pipa; o vinho jorrou — e elle bebeu até cair, espapaçado, como um corpo morto sobre o lagêdo. Acabou por adormecer. Quando mais tarde os seus perseguidores lhe deitaram a mão, o toiro acordou; abriu um dos olhos, e ainda meio bêbedo, parece que murmurou, em clássico castelhano:

— Caramba! No me recuerdo haber pasado un dia mejor hace mucho tiempo!

Roosevelt, presidente

NOVAMENTE Roosevelt se vai apresentar ao sufrágio como candidato à presidência da República dos Estados Unidos. Pela quarta vez a sua candidatura é posta à votação — e as probabilidades a seu favor são de molde a preocupar gravemente os seus adversários. Determinadas circunstâncias em estreita relação, não só com os problemas da actual guerra mas com os problemas da futura paz exigem que Roosevelt continue na chefia do Estado americano, ainda que Roosevelt não manifeste, pessoalmente qualquer desejo de se manter como inquilino da Casa Branca. Governar exgota — mesmo quando se governa mal, o que não é o caso do presidente americano. Só a opposição fortalece. Já alguém disse mesmo que a presidência dos Estados Unidos devorava os presidentes. Segundo cálculos feitos pelos técnicos das Companhias de Seguros, a função da Presidência acelera o termo da vida numa média de nove anos. Ainda não há muito existiam na América do Norte nada mais nada menos do que seis viúvas presidenciais, e este número oferece-nos um índice que não deixa de ser tacitamente significativo. Foi perante este estado de coisas que o célebre especialista americano, o dr. Brocks, não hesitou em afirmar, do alto da sua ciência e do seu capêlo amarelo:

— Se querem evitar uma hecatombe de estadistas notáveis — acabem com as reeleições!

No caso de ser assim, e parece que assim é, bem se pode afirmar que Roosevelt, consentindo em apresentar-se ao próximo sufrágio, dá de novo a sua vida pelos Estados Unidos.

## O cinema — "Reservatório da boa-vontade"

MUITAS pessoas, por ignorância ou falso espírito de superioridade, olham ainda o Cinema como se fosse uma Arte inferior, simples entretenimento de ociosos, espectáculo superficial e vasto, sem valor ou méritos próprios. Há nesta atitude, por vezes, um mal-contido sentimento de despeito, pelo facto do Cinema não ter pedido licença aos intelectuais, para, em quâzi cinquenta annos de existência, se transformar, de divertimento de feira, em espectáculo favorito das multidões.

A par destes elementos negativos — outros há, com incontestáveis responsabilidades, que parecem ainda não se ter dado conta da extraordinária importância social do Cinema, da sua força e poder de expansão, da missão que lhe cabe como Embaixador popular das nações, acreditado — e quantas vezes desacreditado! — junto das platéas estrangeiras.

A América figura na primeira linha dos países que fizeram do Cinema — talvez por necessidades industriais — uma arma de propaganda. Propaganda indirecta — chamemos-lhe assim — em tempo de Paz, propaganda efectiva e real em tempo de guerra. Mobilizada desde a primeira hora, a Sétima Arte pôde estar à altura da missão que lhe era cometida, estimulando, sob o ponto de vista social, o moral e ardor patriótico das frentes e da retaguarda; mantendo intactos, sob o aspecto industrial, os mercados livres estrangeiros, com as consequentes vantagens económicas.

E ainda a Paz — a Paz total, corolário lógico da guerra igualmente total — vem longe, e já a América pensa no Cinema, como força de sugestão para a concórdia de um mundo desatinado.

No seu discutido «One World», Wendell Wilkie, que foi candidato à Presidência dos Estados Unidos, escreve:

«Quem sobrevoa o globo em 49 dias, fica sabendo que o mundo não se tornou pequeno só no mapa, mas também na mentalidade dos homens. Por toda a parte, há idéias que milhões e milhões de homens alimentam em comum, como se todos vissem na mesma cidade. Uma dessas idéias — e digo-o sem hesitar — tem tremenda significação para nós nos Estados Unidos: o mito de respeito e esperança com que o mundo nos olha».

E depois de enumerar algumas das razões justificativas, Wilkie escreve:

«Os nossos filmes também tiveram um importante papel nesta construção de simpatia. Eribem-se no mundo inteiro. As gentes de todos os Países podem ver com seus próprios olhos como nós somos e ouvir as nossas vozes. De Natal a Chung-King encheram-me de perguntas sobre os astros do cinema americano — perguntas feitas com o mais vivo interesse, tanto pelas raparigas que me serviam o café como pelas esposas de primeiros ministros e de reis».

Que assim é, na realidade, puderam constatar aquêles que foram a Itália quando da Bienal de Veneza, ante a curiosidade com que os italianos inquiriam dos últimos filmes de Garbo ou de Deana Durbin, como se tais preocupações dominassem todas as outras. E os que receberam, entre nós, os refugiados europeus, vindos de longínquos países, onde os filmes americanos haviam sido banidos puderam ver com que gulosa ansiedade êles se informavam das pelliculas «yankees» em exhibição. Estamos a ouvir Catarina Boratto, cantora de ópera e vedeta dos estúdios de Roma, ciciar-nos sobre o ombro de Tito Schippa, esta confissão deliciosa: «Sabe porque motivo vim a Lisboa? Só para ver filmes americanos!».

E a Itália estava, então, e ainda, em guerra com os Estados Unidos. O que deixamos dito e testemunhado vale como tema para meditar. O cinema reflete sempre a imagem de um Povo. Essa imagem pode ser deformada, para melhor ou para pior, intencional ou involuntariamente. Está aí justamente uma das forças e um dos perigos do Cinema — a razão porque o não devemos olhar, como simples divertimento de ociosos, como um espectáculo superficial e vazio. O Cinema é uma arma e uma força — e será aquilo que os Homens fizerem dêle. Oxalá se confirmem as profecias de Wendell Wilkie quando diz que o Cinema se tornará, «num reservatório de boa-vontade», ao serviço da Paz e dum melhor entendimento entre os Povos.

FERNANDO FRAGOSO

CERTA vez, Maria Sidónio disse-nos, que tinha um grande sonho: entrar num filme, brilhar no cinema. E o sonho de Maria Sidónio vai agora realizar-se: dentro de pouco tempo, vê-la-emos na fita de Santos Mendes: «A noiva do Brasil». Aqui a temos assinando o seu contrato — Maria Sidónio, quantos milhares de escudos hein? — com a Atlante Films, ao lado de Santos Mendes.



## Prefiro os papeis violentos e cheios de contraste, as gatas-borracheiras sentimentais...

declara Patrícia Lencastre a «Noiva do Brasil»



Patrícia Lencastre, cuja expressão faz lembrar a de Loretta Young...

PATRÍCIA Lencastre. Uma nova esperança do cinema português. Herdeira de um nome ilustre, vamos vê-la em «A Noiva do Brasil», filme de ambiente policial com laivos de comédia, que Santos Mendes, jornalista cinematográfico, dos bons tempos da «Imagem» e de «Cine-Jornal», está a dirigir neste momento. Patrícia Lencastre é uma rapariga encantadora — que vale por duas. E, em boa verdade assim é, porque no filme desempenha nada menos do que dois papéis, os principais papéis femininos. A história, com efeito, gira em redor da «Noiva do Brasil» e da sua «sósia». Uma é a excelente rapariga, a noiva que vem do Brasil a Portugal por causa de uma herança. A outra, uma temerosa aventureira associada a uma quadrilha com ramificações internacionais.

Patrícia é bonita e elegante. Dizem-lo sem rodeios, porque sabe ser desprezível e simples, e os elogios não lhe afectam a sua simpática maneira de ser. Usa as unhas desmedidamente grandes e lacadas, que nos evocam as da Crawford em «Mulheres». Mas «o vermelho da selva» desta vez não arranha. E Patrícia, no filme, mesmo como aventureira, não deixa de ser simpática — e prender-se nas malhas do amor. Se se regenera ou não, preferimos calar, para que o Santos Mendes se não zangue por lhe desvendarmos a história.

«A Noiva do Brasil» é noctívaga. A produção, bem entendido. Como o estúdio, de dia, está ocupado com «A Vizinha do Lado», a pellicula de Santos Mendes entra em filmagens pela noite fora. Trabalho violento, que todos têm suportado alegremente, porque o cinema tem feitiço — e Santos Mendes, Patrícia e outros vêm pela primeira vez tentá-lo e trazem consigo o ardor próprio da iniciação.

O automóvel que nos conduz deixou há pouquinho o estúdio. E a conversa surge, naturalmente:

— Então, Patrícia, está contente?!

## Vai realizar-se em Portugal um filme sobre Fernão de Magalhães?

RECORTAMOS da revista «Primer Plano» a seguinte notícia:

«Projecta-se a construção de uns estúdios cinematográficos na cidade do Douro (Pórt). No assunto estão muito interessados o Dr. Costa Carvalho e o «Vizinho do Lado» de Santos Mendes. A referida entidade pretende executar um amplo programa hispano-lusitano, com os olhos postos na América. Fala-se, por exemplo, na realização de uma pellicula sobre o navegador Magalhães, grande figura histórica que interessa, por igual, aos dois povos peninsulares».

«Vida Mundial Ilustrada» arquivava a notícia, onde, sobre um fundo de verdade, há, por certo, a inevitável fantasia, que a prudente redacção da local, aliás, sugere. Costa Carvalho, produtor de «Bocage», esteve em Espanha a tratar de assuntos que se prendem com uma colaboração cinematográfica luso-espanhola — idéia que, desde «Inês de Castro», vem, dum modo geral, criando raízes, cada vez mais profundas.

É interessante frisar que Abel Gance, Gabriel Pascal e Alexandre Korda tiveram em mente a realização de filmes sobre «Fernão de Magalhães», e que, a despeito dos adiantados preparativos de alguns dêles, não chegaram a consumir-se.

— Mais do que contente — feliz! O cinema era há muito tempo o meu sonho. E realizá-lo nas condições em que o realizei é mais do que uma oportunidade. É a sorte grande.

— Está contente com os seus papéis?

— Porque não! Se num dêles sou uma rapariga vulgar, que se deixa prender nas asas do amor enquanto um barco corta o oceano e, no «deck» a brisa do mar e os acordes doentes da orquestra de bordo se confundem — itinerário romântico de todas as viagens — no outro sou uma mulher perigosa, que dispõe de terríveis armas...

— ...O punhal da Bertini!

— Pior do isso. Um ohar que tudo promete, sem nada revelar; um sorriso aliciente, de efeitos decisivos — e aquele encanto do perigo que se adivinha sem se entrever. Repare que isto não é um auto-elogo, mas apenas o que diz a rubrica.

— E qual dos papéis gosta mais?

— O último, evidentemente. Prefiro um papel violento e cheio de contrastes, às gatas borracheiras sentimentais...

Olhamos Patrícia Lencastre tão singela, tão boa rapariga. E concluímos: — As mulheres gostam de parecer sempre aquilo que não são...

Patrícia sorri. O auto chegou ao seu destino. E como Fitzpatrick, no final das suas viagens, «dizemos adeus à simpática artista» — a primeira vedeta portuguesa que interpreta um duplo papel.

AS «gay-minetties» vão ressurgir novamente no Cinema. E todo o encanto das «tournures», do rugeruge das sedas, dos vestidos cintados descidos até aos pés, da cintura de véspea e do peito de rôla — regressarão em pleno esplendor. O filme chama-se «A Bela de Yukon». E a vedeta que, com tanta graça, personifica a mulher dêsses bons tempos, junto ao canapé romântico, é Gipsy Rose Lee, cantora dos palcos novayorkinos, que o cinema atraiu.



# A EPOPEIA DE ARNHEM

por José Correia Ribeiro

(Sobrinho)



O chefe dos «Demónios Vermelhos» salta do avião em que regressou da frente de batalha depois da retirada dos sobreviventes da 1.ª Divisão

**S**ÃO agora conhecidos os pormenores dramáticos do episódio que ficará na história desta guerra com o nome de Batalha de Arnhem.

As declarações do general Urquhart à sua chegada a Londres e as emocionantes reportagens de Alan Wood — esse intrépido jornalista canadiano que, sob uma chuva de estilhaços, acachapado no fundo da cratera duma bomba, com a sua máquina de escrever, descreveu, passo a passo, a odisséia dos seus companheiros de armas — elucidaram convenientemente o grande público da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos sobre a maneira como decorreu a luta de vida ou de morte travada pela 1.ª Divisão Britânica Aerotransportada.

«As baixas — o próprio Winston Churchill o disse — foram muito pesadas. Mas aqueles que choram os seus mortos podem, pelo menos, consolar-se com a idéia de que o sacrifício não foi infrutífero.»

A confirmar a declaração do Primeiro Ministro, os dados numéricos são bastante elucidativos: de 8.000 homens desembarcados de planadores ou em páraquedas, escaparam apenas 2.000.

O que interessa, portanto, apreciar, de momento, é se uma expedição tão dispendiosa em vidas e em material teria, realmente, sido compensadora.

No caso dos Aliados terem obtido um êxito absoluto, tornar-se-ia possível o flanqueamento e a tra-

vessia do Reno, o que, inevitavelmente, poderia constituir o desastre militar que conduziu a Alemanha à capitulação.

Por ora, os alemães conseguiram evitar tal desastre e, deste modo, a principal porta de entrada para o Reich continua, firmemente, encerrada.

Quais serão, por conseguinte, os motivos que justificam a afirmação dos técnicos militares de que a operação não constituiu um fracasso estratégico na verdadeira acepção da palavra?

Sem esta audaciosa empresa nunca teria sido possível a ocupação da ponte de Nijmegen, posição que pode ser considerada de importância vital se for tido em conta que a referida ponte está situada num sítio em que o Waal é duas vezes mais largo do que o Baixo Reno em Arnhem.

Além disso, as tropas britânicas evitaram que os alemães, vindos do sul, em direcção a Nijmegen, avançassem rapidamente e forçaram-nos a enviar os seus reforços por um caminho mais longo, através de Emmerich, donde resultou que chegassem a Nijmegen quando esta cidade já se encontrava em poder das tropas aliadas.

## O GENERAL URQUHART

A batalha de Arnhem trouxe para o primeiro plano uma figura até ali desconhecida do público. Trata-se do major-general R. E. Urquhart, comandante da 1.ª Divisão Britânica Aerotransportada.

Oficial distinto e já com uma brilhante folha de serviços nesta guerra, Urquhart, que conta 42 anos, pertence a uma magnífica escola, visto ter frequentado, na St. Paul's School, o curso do marechal Montgomery e tomado parte, desde o princípio da guerra, em quasi todas as operações dirigidas por este famoso cabo de guerra britânico.

Assim, o general Urquhart esteve com a *51st. Highland Division* no Médio Oriente e fez todas as campanhas desde El Alamein até a Itália.

Em Setembro de 1943 foi condecorado com a Ordem dos Serviços Distintos e, um mês depois, foi-lhe atribuída a «banda» da mesma ordem como recompensa pela sua acção à frente da 231.ª Brigada de Malta, que ele treinara tão cuidadosamente desde a sua formação, pois foi esta a primeira unidade a atingir os objectivos que lhe tinham sido designados quando se iniciaram os desembarques na Sicília.

Durante a campanha da Itália — no momento em que dirigia um dos desembarques mais pequenos mas de grande importância táctica — Urquhart foi gravemente ferido e, mais tarde, recebeu ordem para regressar à Grã-Bretanha, onde lhe foi confiada uma missão secreta junto do Estado-Maior General do Grupo de Exércitos da área sudoeste.

Terminada essa tarefa, poucos meses depois foi promovido a major-general e nomeado comandante da 1.ª Divisão Aerotransportada, a qual já se tinha revelado magnífica uni-

dade de combate durante a invasão do Norte de África.

A grande aventura estava prestes a iniciar-se e ao soar das 10 horas de domingo, 17 de Setembro, Urquhart e os seus homens entravam para os planadores e, horas depois, estavam na Holanda, onde, durante nove dias e nove noites, escreveram uma das gloriosas páginas da história do exército britânico.

## O RELATORIO DO GENERAL

Uma vez chegado à Grã-Bretanha, após a inesquecível batalha, o comandante dos «Demónios Vermelhos» — como já alguém lhes chamou — retinú à sua volta os representantes da Imprensa e descreveu-lhes as condições em que se tinham dado os combates, afirmando, desassombadamente, que os alemães dispunham de forças muito superiores, e que «muitas coisas não tinham corrido de acôrdo com os planos».

As declarações de Urquhart, segundo o que lemos, podem resumir-se assim:

As 101.ª e 82.ª divisões americanas, desembarcadas mais ao sul, foram consideradas mais importantes do que a britânica; por isso, tiveram prioridade na distribuição de reforços e abastecimentos.

Daqui resultou a 1.ª Divisão não poder ser lançada sobre os seus objectivos numa única «vaga». Além disso, devido à defesa anti-aérea alemã, a R. A. F. teve que largar os contingentes, inicialmente utilizados, a mais de oito milhas da cidade.

E o próprio general afirma: «Chocámos contra uma oposição muito mais forte do que esperávamos e, em consequência disto, em breve nos ressentíamos dos seus efeitos».

Depois, a segunda «vaga», por causa das más condições atmosféricas e por outros motivos que o general não citou, chegou muitas horas depois do que fora combinado.

Mesmo assim, um batalhão forçou o caminho através da estrada de Arnhem até chegar à ponte sobre o Reno, e desmontou as cargas explosivas ali colocadas pelos alemães.

«Para todos os efeitos, a ponte esteve ocupada e em condições de dar passagem a todas as forças que viessem do sul...»

Eclarecida esta parte que nos dá a conhecer que o objectivo primordial não foi conseguido por falta de continuidade no ataque das forças de apoio do general Dempsey, Urquhart relatou a sua audaciosa aventura em que pessoalmente tomou parte:

«Do interior duma casa que estava a ser atacada pelo inimigo, assisti a um combate de ruas dirigido por um dos meus comandantes de companhia. Comigo encontravam-se os comandantes de divisão, de brigada e de batalhão.

«Pouco antes do escurecer, tentámos retírnir-nos ao grosso das forças. O brigadeiro foi ferido, e eu e os outros dois oficiais escondemo-nos num palheiro à espera que anoitcesse.»

«Quando saímos tive a sorte de encontrar um «jeep», para o qual saltámos, conduzindo-o eu próprio, o mais rapidamente que foi possível, para junto dos nossos. Nunca estive em poder dos alemães, se bem que, em determinada altura, tivesse estado separado deles apenas pela largura dum aposento.»

E, em seguida, ao informar que o plano inicial de estabelecer uma área de ocupação em torno de Arnhem nunca pudera ser levado à frente, explicou:

«Não dispunhamos de tropas suficientes para dominar o sector e os alemães nunca nos deram tréguas. A táctica favorita do inimigo consistia em arrasar os edifícios, um por um, partindo duma das extremidades das ruas. Enquanto houve prédios e ruas, ainda a coisa foi bem; mas, por fim, a situação tornou-se bastante desagradável. «Vieimo-nos embora na altura de vida, porque ser-nos-ia completamente impossível agüentarmo-nos durante mais 24 horas.»

Assim termina o dramático relato do chefe dos 2.000 sobreviventes regressados de Arnhem e, se houvesse ainda alguém que duvidasse da bivalura e espírito de sacrifício desses homens, bastavam, para o convencer, estas palavras, indiscutivelmente sinceras, dum locutor da rádio alemã:

«Numerosos grupos que perderam contacto com o grosso das forças estiveram sem abastecimentos e sem munições durante cinco dias. E, por último, combateram com armas brancas e revólveres...»



Alan Wood dentro da cratera duma bomba escreve uma das suas sensacionais reportagens

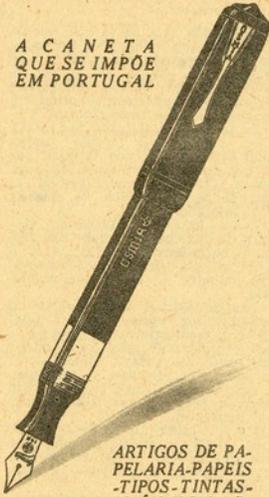


A família Urquhart — a esposa do general e as suas duas filhinhas Elspeth (de quatro anos e meio) e Judy (de dois).

# PAGINA DAS UTILIDADES

## OSMIA

A CANETA  
QUE SE IMPOE  
EM PORTUGAL



ARTIGOS DE PAPELARIA-PAPEIS  
-TIPOS-TINTAS-  
-MAQUINAS-  
-JOGOS-BRIN-  
-QUEDOS E NOVI-  
-DADES

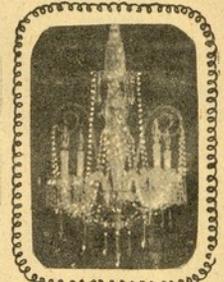
**A. FRANCERI & C.<sup>a</sup>**  
RUA BARROS QUEIROZ, 47, 2.<sup>o</sup>  
LISBOA - TELEFONE 2 0641  
TELEGRAMAS: AFRANCER



OUVIR UM  
*Luxor*  
é um sonho!

**Case José Costa - Radio Luz**  
Rua de S. Paulo 11-13 - Lisboa Tel. 2 4888

OS LUSTRES PARA AS DECORAÇÕES  
DE BOM GOSTO



Apliques, castiçais e candeeiros de mesa

**J. R. DE BRITO**  
FABRICANTE  
RUA LUIZA TODI, 2  
À RUA DE D. PEDRO V

TELEF. 2 0497 - LISBOA



MODERNISE A SUA CASA DE BANHO  
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

**Mármore Sousa Batista, L.<sup>a</sup>**

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30  
LISBOA - TELEFONE 2 7643

## MÁQUINAS DE COSTURA



**HUSQVARNA**

UMA PERFEIÇÃO  
DA INDÚSTRIA  
SUECA

VENDAS A PRONTO  
E A PRESTAÇÕES

**CASTRO & SOUSA, L.<sup>da</sup>**

P. DOS RESTAURADORES, 13. 3.<sup>o</sup>  
LISBOA - TELEFONE 2 9888

PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS  
«Horus» TINTAS PARA  
ESCREVER, COLAS,  
LACRES E PAPEIS  
QUÍMICOS



**MOISES & REIS, L.<sup>da</sup>**

FABRICAL: 1940, DOS AGUAS DOUS, 11  
TEL. 2 0 4 9 7  
RUA FÁBRIÇA DA POLYORA, 22-B  
TEL. 2 0 1 1 1 1  
LISBOA



*Au Ménage Ideal, L.<sup>a</sup>*  
162, RUA DA PRATA, 166  
LISBOA - TELEFONE 2 1520



**CARRINHOS  
E CADEIRAS  
PARA CRIANÇAS**

A PRONTO E COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

**J. COSTA & SILVA, L.<sup>da</sup>**

RUA ARCO BANDEIRA, 70-L.<sup>o</sup>  
LISBOA - TELEFONE 2 6713

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

### Fim de semana trágico!

O problema anterior foi difícil, na verdade. Aláís, mais complicado do que difícil. De qualquer maneira, porém, serviu como boa prova de exame. E aqueles que ficaram aprovados nessa prova, podem dar-se por satisfeitos...

Vêm-nos de quando em quando, reclamações de leitores que se sentem lesados nas suas classificações. Mas insistimos, mais uma vez: não basta apontar o criminoso, é necessário apresentar provas «perfeitas e lógicas». E, sobretudo, provas que sirvam de base para as deduções. Entendem? E agora vejamos que tal é a vossa argúcia neste problema n.º 19, cujas soluções devem ser entregues, irrevogavelmente, até ao dia 18 de Outubro.



1 Durante um fim de semana, realizado na sua casa de campo, Joe Locke morreu súbitamente. Chamado à pressa, o Inspector Marwell constatou que ele acabara de beber um «cocktail», segundos antes de morrer. Além disso, o inspector soube também que se encontravam na casa de campo, além da vítima, sua mulher Angela Locke e três convidados: Richard Still, «barmã» bem conhecido, David Nissen, antigo oficial da marinha mercante e Greta Glyn, viúva dum irmão de Locke. O inspector retirou-se, levando consigo o copo que continha ainda restos do «cocktail» ingerido por Locke.

2 No dia seguinte, logo pela manhã, o inspector recebeu um telefonema de Angela Locke. Ela estava emocionadíssima: «Ja sei quem matou meu marido. Ele foi envenenado! Venha ter comigo». Nesse instante, Marwell sentiu que o telefone fóra desligado...

Marwell não perdeu tempo. De facto, já fóra informado por um relatório que o «cocktail» estava envenenado e que causara a morte repentina de Locke. Agora Angela declarava saber quem era o assassino... Todavia, quando voltou à casa de campo foi informado logo de entrada por Nissen do triste acontecimento: Angela Lock fóra assassinada!



3 No Jardim, éle foi encontrar o cadáver de Angela, em que ninguém mexera ainda. Interrogados, os assistentes, mantiveram-se seguros nas suas declarações.

David Nissen informou: — «Estive toda a manhã a ler um romance sentado na cadeira de repouso do jardim. De repente vi que Angela saía de casa e se dirigia para aqui. Mas nesse mesmo instante fizeram fogo, da janela aberta, e ela caiu redondamente, assassinada à traição pelas costas». Richard Still disse apenas:

— «Andei a passear com Greta. Não ouvimos nada. Não é verdade, Greta?». E olhou a viúva severamente. Greta curvou a cabeça, num gesto de assentimento e sorriu.

— «Fois é. Eu levantei-me muito cedo e fui para o campo. Richard depois apareceu também. Vamos casar em breve».

O Inspector Marwell franziu a testa levemente. O criminoso revelára-se nas suas próprias afirmações. Quem era o criminoso? Porquê?

(Leia a solução no próximo número).

## Breves notas sôbre o romancista Edgar Wallace

ÉLE foi de tudo um pouco: artilha, tipógrafo, marinheiro, soldado, jornalista e romancista. Mas, sobretudo, o seu nome começou a firmar-se como repórter, na guerra dos «boers». Então o mundo aprendeu a conhecer esse rapaz extraordinário que recorria aos mais arriscados processos para enviar notícias sempre frescas e palpitantes. Chamava-se Edgar Wallace e era americano...

Começara pela poesia — como em geral começam todos os homens atraídos pelos mistérios e pelos encantos da literatura.

Mas então, éle já trazia consigo um vasto carregamento de experiência humana. Adquirira, principalmente, na sua banca de artilha, junto ao Clube Luggate Hill.

Depois saltou de país em país, à cata de aventuras excitantes, com os seus olhos sonhadores, e pendurado naquela delgada boquilha fumegante por onde subia sempre o fumo do seu próprio sonho.

Um dia escreveu um livro de título estranho: «A missão que fracassou». E o livro fracassou, também...

Mas o seu caminho estava descoberto: o romance policial. Nada melhor do que esse género de literatura para éle contar o muito que



sabia, apresentar os esquisitos personagens que conhecera pela vida fora, dar largas à sua imaginação fértil e brincar com o raciocínio das multidões...

Não quis criar escolas, nem esbanjar-se em originalidades. Todavia os seus livros correram mundo, intrigaram chineses e espanhóis, suecos e árabes, negros e brancos, homens de todos os continentes. Não desejando ser mestre — éle que tinha horror às pompas e às vaidades — ficou sendo um Mestre nessa arte complexa que é a verdadeira literatura policial, onde o romance de acção se mistura com o romance psicológico. Mas um dos seus biógrafos acentua esta verdade profunda: «Ninguém foi lido como éle o foi porque ninguém pôs o livro tão ao alcance de todos os espíritos». Por isso mesmo, o nome de Edgar Wallace é um nome universal.

REPÓRTER MISTÉRIO

## CORRESPONDÊNCIA

MANUEL DO CARMO PERES — Sim, senhor, teve umas boas férias. Felizes daqueles que as podem gozar...

JOSEPH FOUCHÉ (Lisboa) e RUI ALBERTO COIMBRA (Avelro) — Podem enviar os cossos problemas logo que quiserem. Serão acolhidos com boa atenção.

DETECTIVE JAMES — Setúbal — Já juntei as soluções de *Silvério James* às de *Detective James*. Penso que assim fica tudo resolvido.

O LOBO SOLITÁRIO — Pôrto — Fico aguardando os seus dois problemas para os estudar devidamente. Nós encarregamo-nos das fotografias. Mas se as quiser enviar, também, tanto melhor.

J. SIMÕES — Caldas da Rainha — De facto, tem razão. Houve lapso certamente em não ter sido classificada o problema n.º 14. Mas a rectificação está feita.

O FOCO — Men Martins — Comunicarei à administração para lhe enviarem os n.ºs atrasados de «Mistério e Aventura». Foi pena a resolução do problema n.º 15 chegar atrasada.

INSPECTOR SERRANO, «O SIFRA» — Faro — Pergunta se há alguma solução para que se queira corresponder com éle, por intermédio desta secção.

ANTÓNIO RAMIRES — Minas dos Carris — Os números pedidos devem ser enviados brevemente, pois já comuniquei o seu desejo à Administração.

M. — Algés — Houve uma omissão mas o caso já foi devidamente rectificado.

REPÓRTER MISTÉRIO

## CONCURSOS MENSAIS DE MISTÉRIO E AVENTURA

SENTIMÓ-NOS gratos pelo interesse que os leitores demonstraram logo que tiveram conhecimento do próximo início dos nossos *Concursos Mensais*.

Amonteam-se já as cartas enviadas contendo sugestões, problemas e perguntas, muitas perguntas.

Mas vamos devagar, queridos leitores... Aos poucos iremos fornecendo todos os pormenores e quando chegar a ocasião publicaremos o regulamento completo dos *Concursos Mensais* de «Mistério e Aventura». Entretanto, preparem os vossos problemas, e enviem-nos. E façam as perguntas que quiserem. Todas serão respondidas, a seu tempo.

Por hoje esclarecemos que cada Concurso Mensal é independente de todos os outros, de maneira que os

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18

I) O Inspector concluiu que Webb não se suicidara, porque embora o livro de registo de nomes estivesse fechado (foto 1), as páginas 44 e 45 apareciam manchadas de sangue. Como Webb morrera *instantaneamente* (legenda 1), éle não podia manchar as páginas primeiramente e fechar o livro — depois de ter morrido. Além disso, o revólver apresentava falta de duas balas. Raramente um suicida tem a coragem suficiente para atirar sôbre si depois de errar um tiro (o cadáver apresentava apenas uma bala — legenda 1).

II) Quanto ao assassino, eis a dedução do inspector:

1.º) Atendendo a (c) se Webb amava um dos elementos da quadrilha, esse elemento devia ser uma mulher, sem dúvida. Por outro lado, essa mulher era contrabandista. Mas como *Joan em (g) dissera que a contrabandista estava longe à hora da morte de Webb*, e como há apenas *duas mulheres* na quadrilha, fica-se sabendo que Joan não é a contrabandista. Temos, pois, *Alma Jung* como *contrabandista*, mas não *criminoso*, pois as declarações de Drime e Joan em (g) livram-na de suspeitas.

2.º) Cook e Gray são também eliminados como criminosos porque, conforme (d) *alguém lhes dissera na ausência do assassino*, etc., etc. Portanto, nenhum deles é o assassino.

3.º) Joan fica igualmente eliminada porque em (e), segundo as suas informações, o *assassino* viria um primo de Webb conversar com a contrabandista. Daqui se infere que o assassino é *outra pessoa*.

4.º) Finalmente, por eliminação, resta-nos apenas, portanto, Joe Drime que fóra, na verdade, o *assassino de Webb*.

Havia dois canchotos no grupo. Um deles era Alma Jung (foto 3). O outro era precisamente Joe Drime, o falsificador.

Foi éle que falsificou alguns nomes no livro de Webb (a caneta d'este estava vazia, legenda 2). Apanhado em flagrante delito, matou Webb, falhando o primeiro tiro e acertando o segundo, e depois compôs o cenário. Mas esqueceu-se, ao fechar o livro, que o sangue de Webb já manchara as páginas em que estivera aberto...

votos dos produtores e a classificação dos solucionistas caducam ao fim de cada mês.

Apenas faremos referência especial aos que inscreverem os seus nomes no Quadro dos Vencedores, mais do que uma vez.

Quanto à contagem de votos nos problemas publicados será tomada em linha de conta a justiça e a lealdade para com todos os concorrentes que representam os valores dados (na escala estabelecida) por cada solucionista. Entendido? E até para a semana.

## A frente única

**Q**UANDO levou à Câmara dos Comuns a confirmação da notícia de que Varsóvia, sublevada, tinha caído de novo em poder dos alemães, após dois meses de luta porfiada e, por vezes, revestida dos mais trágicos aspectos, o Primeiro ministro britânico afirmou:

— A queda de Varsóvia, numa ocasião em que os exércitos aliados estão vencedores em toda a parte e quando está à vista a derrota da Alemanha, deve ser considerada um rude golpe para todos os polacos.

O golpe de Varsóvia é, na realidade, particularmente doloroso para os polacos, pela perda cruenta de vidas e de esforços e pela dissolução de uma oportunidade para se rearmar a vitalidade militar do primeiro povo que sucumbiu nesta guerra. Mais grave, ainda, para os próprios polacos, quando aspiram à sua independência, é a fragmentação dos pontos de vista perante o meio de a recuperar; é a divergência que levou à demissão do general Sosnkowsky do comando supremo dos polacos, em Londres, a sua substituição pelo general «Bor», comandante das forças sublevadas em Varsóvia contra os alemães; é a declaração, formulada pela Comissão de Libertação Nacional Polaca — sede em Lublin, controlada pelo russo — de que «Bor» teria de ser julgado como criminoso de guerra pela inutilidade do sangue que fez correr. Quando os alemães conseguiram dominar a rebelião dos polacos em Varsóvia, o general «Bor» — bor, em polaco, significa «floresta» e já então se tinha revelado que esse nome de ocasião substitua a verdadeira identidade do general Casimiro Komorowski — constituiu-se prisioneiro. Mais grave ainda que tudo isso — a importância do episódio cresce na medida em que se considera a sua projecção nas sucessivas esferas políticas — é o valor do caso quando este adverte a diversidade de pontos de vista, de intenções e de acção do bloco das Nações Unidas. Com os russos, por assim dizer, as portas da capital polaca, não só o comando soviético, manifestamente, suspendeu o seu avanço nesse sector para deixar os polacos entregues a si próprios, como foi ao ponto de negar aos ingleses e aos americanos os pontos de apoio de que estes precisavam para levar auxílio aos sublevados. Não obstante, esse auxílio foi mantido, mas em proporções limitadíssimas, pois era remetido, por via aérea, das bases da Itália. O valor deste auxílio assumiu, deste modo, pouco mais que carácter meramente simbólico — mas talvez seja precisamente este mero simbolismo que tenha de se fixar para lhe extrair consequências políticas que, pelo menos na aparência, estão à vista de todos.

Entretanto, ao mesmo tempo que abandonavam a sorte de Varsóvia às mãos dos próprios polacos, os exércitos russos continuavam os seus avanços ofensivos em sectores alternados da frente. A «cirurgia» político-diplomática operada na Roménia e na Bulgária abriu possibilidades novas ao rápido avanço das tropas soviéticas, que dominaram, com o apoio das forças locais, o que ficou da força alemã e entraram nas fronteiras da Eslováquia, da Hungria e da Jugoslávia, estabelecendo as primeiras ligações com os núcleos de patriotas que nunca tinham chegado a depor armas, ao longo de todos os anos de ocupação. E principalmente na Jugoslávia, o que facto assume particular importância política, não só pelo incontestável valor militar que a resistência sempre manifestou, como por ser por aí que passa, ao que parece, o caminho para a

(Continua na pág. 16.)

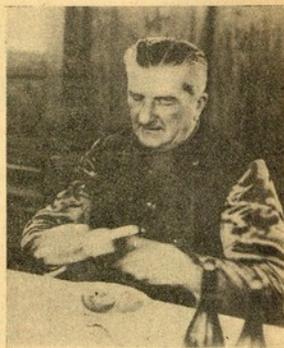
## HUNGRIA

### O Regente HORTHY e o destino dos húngaros

**P**RIMAVEIRA de 1917. O ar brando, que mal agitava as ondas do mar, foi revolvido pelo primeiro tiro daquela batalha. Na ponte de comando do seu navio, que arvorava o distintivo de heresia da pequena esquadra ligeira, o jovem oficial dirigia o combate. De súbito, um estilhaço feriu-o com gravidade. Não desistiu. Nem passou o comando a outras mãos. Perseverou e a vitória foi alcançada — uma vitória difícil e valerosa. E só no pórtico de abrigo, o jovem oficial abandonou o comando.

Era um capitão de mar e guerra húngaro e chamava-se Nicolas Horthy. A batalha naval foi a de Otranto, em Maio do penúltimo ano da Grande Guerra e valeu ao vencedor a mais alta condecoração militar do seu país.

Nicolas Horthy, descendente duma velha família que sempre desempenhou importantes cargos na vida pública do seu país, ao sair da Escola Naval, subiu rapidamente de posto e até à eclosão do conflito mundial foi durante 5 anos o ajudante de campo de Francisco José, imperador da Áustria e Rei da Hungria. Ainda durante o último conflito, foi promovido a vice-almirante e investido no comando de toda a esquadra austro-húngara, cargo de que se afastou com a Paz. Pelos seus antecedentes, pela sua conduta, Nicolas Horthy foi chamado, numa hora perturbada e grave da Hungria — em 1919 — na altura em que se formava o governo nacionalista na cidade de Szeged, para a pasta da Guerra. De algum modo, a sua acção contribuiu, então, para a organização rápida dum exército que ele próprio comandou e à frente do qual entrou solenemente, em Novembro de 1919, nas ruas de Budapeste, a capital da Hungria.



O regente Horthy é um apaixonado da caça. Aqui o vemos amocando no pavilhão de uma das suas propriedades, depois de uma batida movimentada.

O país abraça então, de novo, a sua secular Constituição e Horthy é, assim, pela Assembléa Nacional e pela vontade do povo, escolhido para o cargo de Regente do país.

Os acontecimentos guindavam, deste modo, Horthy à suprema magistratura, num período particularmente difícil. O país debatia-se numa situação sombria mas o Regente obteve o restabelecimento da ordem e um extraordinário melhoramento das condições sociais, refazendo a unidade nacional. Sob a sua direcção, a Hungria ocupou rapidamente um destacado lugar entre os países mais avançados, sob o ponto de vista social, trabalhando pelas reformas de orgânica nacional, nomeadamente no que se referia à vida dos trabalhadores.

Diz-se que o povo húngaro reconhece e admira o valor da obra do seu Regente e, ainda há pouco,

(Continua na pág. 16.)

## ROMÉNIA

### Ada-Kaleh uma república independente na Roménia

**H**Á na Europa algumas curiosas reminiscências do passado que escaparam à lei de reviravolta geral que a guerra provocou.

A República de San Martino, os Principados de Mónaco, de Lichtenstein e de Andorra — e isto citando só os mais importantes, entre os estados minúsculos — continuam calmamente a sua existência. Certamente, este estado não se baseia no respeito à sua força mas ao facto singular de se lhes ligar pouca importância, por se considerarem vestígios quasi esquecidos do passado.

Em situação análoga, encontra-se a ilha de Ada-Kaleh, situada no meio do Danúbio não longe das famosas Portas de Ferro, constituindo, por assim dizer, um recinto com um quilómetro de largo e dois de comprimento. Habitada por 800 turcos, é uma reminiscência histórica da época de expansionismo turco que remonta até Viena. Nesse tempo, a ilha estava sujeita à autoridade da «Sublime Porta».

Em 1878, no Congresso de Berlim, que decidiu da parte das províncias europeias sob a dominação turca — ninguém se lembrou de se ocupar do statuto da ilha de Ada-Kaleh que, assim, continuou a ser considerada pertença da Turquia, quando esta

tinha perdido a maior parte das suas possessões europeias...

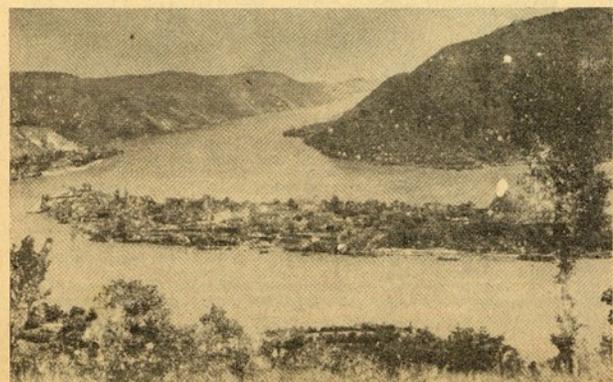
A partir da grande guerra — dada a sua situação geográfica — Ada-Kaleh caiu sob a autoridade da Roménia. Entretanto, e em realidade, continuou a beneficiar da sua situação de quasi independência.

De facto, a Roménia resolveu aplicar-lhe um regime de larga compreensão e de liberdade evitando tocar fôsse na que fosse na curiosa autonomia da ilha.

Isentou os habitantes de Ada-Kaleh do serviço militar e de impostos e não lhe designou funcionários romenos continuando a ilha a administrar-se segundo os seus costumes.

Mesmo sob ponto de vista aduaneiro, beneficia de pórtico franco. A sua ligação à Roménia resulta somente do facto de o governo romeno, de acordo com os dirigentes da ilha ali ter introduzido a legislação romana.

Os 800 habitantes da ilha — que são féis cidadãos romenos — continuam a sua vida calma nessa região semeada de ruínas de antigas fortificações, de mesquitas e cafés. Os hábitos muçulmanos, que conservaram todas as suas características, parecem fazer um desafio à marcha dos tempos...



## ITÁLIA



Que será isto? Que representa este grande camião, com uma enorme estréla branca? Apenas um dos muitos camiões do som, enviados pelos americanos para os países ocupados, e que, além de outras funções, tem essa de transmitir excelentes espectáculos e informações. A estréla branca é um distintivo americano.

## POLONIA



A luta em Varsóvia tem-se revestido dos mais trágicos aspectos. Contra um ocupante poderoso, constantemente renovado, ergue-se a alma da Polónia, quasi sem armas, com fome, vítima de interesses políticos. Aqui vemos uma trincheira construída pelos revoltosos que acaba de ser ocupada pelos alemães. O cerco de Varsóvia é único na história desta guerra: uma cidade indefesa a lutar contra um exército!

# Dentro de quinze anos vamos ter uma nova guerra mundial?

**E**IS uma pergunta que começa a fazer-se com insistência: dentro de pouco tempo, teremos uma nova e terrível guerra mundial? Mais precisamente — são os americanos quem precisam: dentro de quinze anos, teremos um novo conflito, aquele que, finalmente, seja capaz de resolver os problemas que este não resolverá?

Walter Lippman, um dos melhores jornalistas americanos — cujos editoriais se publicam simultaneamente em centenas de diários — é também um claro pensador e um esclarecido homem de finanças, economia e política.

É em dois de seus livros que vem expressa a pergunta que serve de título a este artigo: «Vamos ter uma nova guerra mundial, dentro de 15 anos?».

O primeiro desses livros, publicado em 1943 e intitulado «A política externa dos Estados Unidos alcançou uma tiragem superior a um milhão de exemplares. Aí se expõe uma tese que não pode deixar de ser ponderada, ainda pelos mais optimistas: o isolacionismo americano é apenas uma pledosa mentira, pois a América só o poderia manter, enquanto a frota inglesa pudesse garantir a segurança das costas americanas e a liberdade no Atlântico.

Porém, se essa frota estiver ameaçada, então a América ver-se-á obrigada a atacar de armas na mão, qualquer que fosse o inimigo.

Neste caso — diz Walter Lippman — o melhor é desde já esclarecer o mundo a tal respeito, aconselhando o estabelecimento de uma aliança com a Inglaterra. Se isto tivesse acontecido, antes de 1939 — diz ainda Lippman — ter-se-ia impedido esta guerra, pois a Alemanha, acreditando no isolacionismo americano jogou uma cartada à base de um erro.

Há pouco mais de um mês, apareceu o último livro de Lippman. Intitula-se: «Os objectivos de guerra dos Estados Unidos» e ali se diz: «Se em consequência da quebra do isolacionismo, a América se encontra estreitamente ligada à Europa, deve impedir que os problemas atá-

vicos, sem importância no fundo, venham influir na vida deste pacífico continente em que vivemos».

E, depois, em lugar de uma aliança entre os povos, Lippman propõe a partilha do mundo em três partes: o primeiro grupo, o da Comunidade Atlântica, ficaria formado pela América do Norte e do Sul, o Império britânico e a Europa ocidental — tal qual, há meses, o Primeiro Ministro português esclarecia, num dos seus mais importantes discursos — compreendendo este grupo qualquer coisa como 550 milhões de pessoas.

O segundo grupo constituiria a comunidade oriental europeia, sob a direcção da Rússia, com uma população de 190 milhões de indivíduos: estados eslavos, Áustria, Hungria e Roménia, pois a Grécia, a Suécia e a Noruega ficariam compreendidos na Comunidade Atlântica.

Num capítulo aparte, o autor estuda as possibilidades de um trabalho pacífico e benéfico entre os povos, admitindo a possibilidade da mútua compreensão dos Estados, baseada em regras políticas até hoje consideradas nefastas ao nacionalismo.

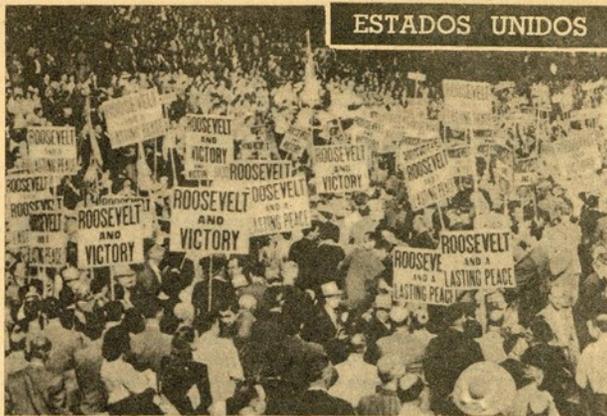
Por fim, Lippman ocupa-se da sorte de uma Alemanha vencida: fora de qualquer das Comunidades, até 1970, formando, precisamente, a terceira Comunidade, com os seus 60 milhões de almas — uma potência de segunda ordem, em relação à comunidade oriental europeia ou anglo-saxónica.

Como virá, então, a terceira grande guerra dos tempos modernos?

Lippman é de opinião de que a sorte da Alemanha se decidirá quinze anos depois do armistício, isto é — em 1960.

Então os alemães ter-se-ão recordado e estarão em condições de decidir da sua sorte: isto é — devem ou não querer tomar parte em uma das comunidades de povos?

Para evitar que o militarismo tome as rédeas do governo e precipite a nação em novo conflito, em 1960 — no entender de Lippman, a Alemanha deve ser desde já desarmada...



Foi já iniciada a campanha eleitoral para a eleição presidencial nos Estados Unidos, acontecimento que terá a maior projecção não só nesse país como na própria política mundial. Roosevelt tem desta vez um adversário perigoso — Dewey, governador do Estado de Nova York, que disfruta de uma enorme popularidade. Contudo, as maiores probabilidades de triunfo ainda vão para o actual Presidente. Esta foto mostra-nos uma manifestação popular a favor de Roosevelt.



Com a queda do fascismo e a libertação de Roma pelos Aliados, a imprensa italiana voltou a ter uma maior expansão. Uns jornais reapareceram; outros iniciaram a sua publicação. Esta foto dá-nos bem uma idêa do que é o actual movimento jornalístico na capital da Itália.

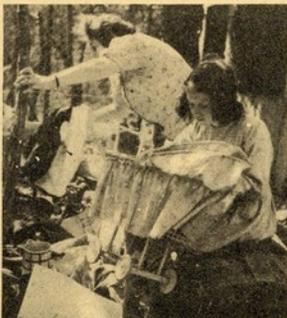


## QUEM VEM LÁ?

**T**RATA-SE de um autómato ou de um homem? Em boa verdade, se bem nos afirmarmos, compreenderemos que a figura que vai na frente é a de um homem munido de máscara. Para que o povo se habitue a reconhecer os japoneses, e porque se admite a invasão japonesa — o Ceilão foi mesmo, recentemente bombardeado pela aviação e pela marinha — vestem assim os seus homens que passeiam pelos campos, acompanhados de um soldado inglês.

A máscara usada representa o soldado do Mikado, com os seus traços fisionómicos inconfundíveis.

## Regresso ao lar...



A iminência do perigo aguçou o engenho humano. Aqui vemos os senhores André Meybon, com sua filha Camille, no regresso ao lar, em Villiers Bocage, perto de Caen. Durante a ocupação, sempre à espera do «Dia D», a população civil francesa tomou todas as precauções contra os ocupantes e libertadores, pois sabia-se que a luta havia de ser dura. E foi então que o casal Meybon teve a feliz idêa de pôr a resguardo o seu trém de cozinha, as louças, tudo o que era frágil e a guerra podia levar — construindo um poço de cimento. Como se vê, o estratagema deu resultado, pois a louça está intacta...



No seu histórico encontro de Quebec — o segundo que ali se realiza para decidir sobre o curso da guerra e os destinos do mundo, Roosevelt e Churchill fizeram-se acompanhar de suas esposas. Aqui as vemos durante uma alocução feita ao microfone pela mulher do Presidente dos Estados Unidos.



Os americanos foram recebidos na Bélgica como libertadores. A população acolheu as tropas dos Estados Unidos com caloroso entusiasmo como se verifica por este «cliché».

## ESCOLA DE CORTE, COSTURA E CHAPEUS

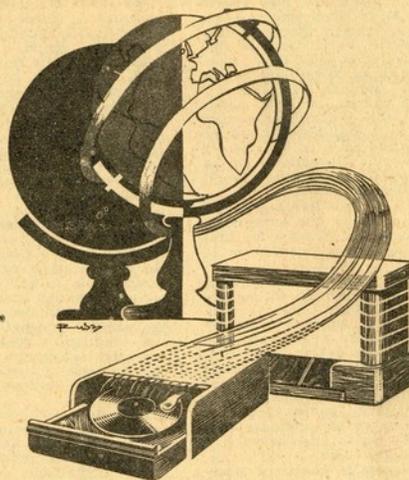
*M.<sup>me</sup> Justo*

A MELHOR E A MAIS BEM FREQUENTADA DE TODO O PAÍS  
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

NAUGURAMOS no próximo dia 24 uma exposição de trabalhos em alta-costura e chapéus que tão esperada é por centenas de senhoras ávidas de admirarem os trabalhos confeccionados pelas actuais alunas desta Escola e ao mesmo tempo colherem indicações seguras do valor, eficácia e compreensão do inconfundível método de ensino da escola «M.<sup>me</sup> Justo». A Direcção cumpre informar que a exposição está patente nos próximos dias 24, 25, 26, para as senhoras portadoras de cartão de convite e nos dias 27, 28, 29, daremos entrada franca-seleccionada para as senhoras que não conseguiram esses cartões. Se alguém desconhecer ainda o valor desta Escola bastará fazer uma pequena visita à nossa exposição e poderá ajuizar e sem entraves os trabalhos expostos para confirmar depois que a Escola «M.<sup>me</sup> Justo» é de facto e sem favor a Escola n.º 1 de Portugal.

SÉDE, DIRECÇÃO E SECRETARIA  
R. DE S. LÁZARO, 127, 1.º e 3.º ANDAR

## DISCOFONES ELECTRICOS



O ideal para reprodução de discos através de qualquer aparelho receptor

A MAIOR VARIEDADE — MODELOS SIMPLES E COM MUDANÇA AUTOMÁTICA, EM CAIXAS DE MADEIRA PULIDA OU PINTADA, PARA CORRENTE ALTERNA DE 110 OU 220 VOLTS, E PARA TODAS AS CORRENTES  
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS

**Est. Valentim de Carvalho**  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Enviamos grátis catálogos descritivos



### EMISSIONS DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
19,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
20,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
21,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WLWR	23,1		
22,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WLWR	23,1	WGEX	31,4
Meia hora de notícias, comentários e música								
23,45	WLWR	23,1	WGEX	31,4				
Meia hora de notícias, comentários e música								
24,45	WOOC	31,1			WOOW	38,4	WGEX	31,4
1,45	WOOC	31,1	WRUA	39,6	WOOW	38,4		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20 horas

#### EMISSIONS DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da  
AMERICA em MARCHA**



*As suas reproduções  
merecem um cuidado especial*

não as confie portanto  
a qualquer, entregue-as a

**BERTRAND (IRMAOS), L.<sup>DA</sup>**

e ficará inteiramente satisfeito

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

# A última corrida da época

**A** PESAR do tempo instável que se vinha verificando, o sol não quis faltar ao fecho da temporada no Campo Pequeno, comparecendo, como bom aficcionado que é, para iluminar os momentos grandiosos da tarde, que os houve para arreia daqueles que lá não foram, permitindo uma escassa meia casa que muito mal correspondeu à excelência do «cartel». Se desde princípio se anunciou tal como foi forçoso realizá-lo, cremos que se teria registado uma enchente; houve, porém, a necessidade duma substituição — o que sempre prejudica as organizações — e o público desinteressou-se, esquecendo que ficava ainda um nome, sem dúvida dos mais valiosos que o toureiro tem registado: Ortega. Compreende-se, porém, a atitude do público. O interesse da corrida estava em Arruza, que não tendo sido devidamente apreciado quando cá esteve, tem hoje a rodéola o prestígio imenso que lhe vem dos êxitos alcançados em quantas praças espanholas actuou. Um touro de Benjuméa, colhendo em Sevilha, impossibilitou-o de vir a Lisboa, e a notícia inesperada do desastre deu fundo golpe no interesse despertado por um «cartel» que não só honra a Sociedade Campo Pequeno, Limitada, como até mesmo a Festa Brava em Portugal.

Os touros espanhóis do sr. Guardiola, com ferro Camero Cívico, de boa apresentação e fina lâmina alguns — especialmente o corrido em 7.º lugar — não deram a lide que deles se esperava. É certo que todos manifestaram condições de lide (que certamente seriam realçadas pelo castigo das varas, se o houvesse), mas assim mesmo não nos pareceram capazes de «pelea» invulgar. Ao pé deles, não fizeram má figura os que saíram para a lide equestre, do sr. José Infante, o primeiro deles com invulgares condições de bravura.

Houve, pois, matéria com que fazer obra de jeito, e se assim não aconteceu sempre, deve-se isso a «El Estudiante» não ter compreendido os seus touros, pelo que o seu trabalho não teve luzimento, e, o que é pior, não teve valor, e a Pepin Vazquez não ter «podido» com o seu segundo inimigo — falta que gostosamente lhe relevamos, tendo em consideração que é um dos mais novos «matadores» e que no primeiro touro que lidou fez quanto lhe foi possível, com brío e honradez, para agradar, o que plenamente conseguiu, arrancando a um público frio a primeira grande ovação da tarde com merecida volta à praça.

O herói da tarde foi, contudo, Domingo Ortega, que ofereceu à assistência uma das maiores e mais completas «faenas» que lhe temos visto — a realizada no 6.º touro. O tou-

reiro de Borox, que já no seu primeiro inimigo merecera palmas calorosas pelo seu trabalho de absoluto domínio, mas pouco de toureiro, mostrou-se completíssimo nessa «faena» memorável em que o mando e a arte se deram as mãos para realizar um conjunto de inextinguível beleza e domínio. Ortega mandou nesse touro como quis, dispôs d'ele a seu bel prazer, mas não esquecendo que nem só isso é toureiro, desenhou irrepreensíveis «naturais» com a direita, magníficos passes de peito, assombrosos «molinetes», «ajudados» por alto estatutários, tranquilíssimas «manoletinas», tudo com aquela seriedade que é sólo das figuras grandes do toureiro. É muito grande tem que ser um toureiro quando como Ortega nos deixa assombrados e com a impressão de que não é possível conseguir-se mais, não tendo pegado na «muleta» com a mão esquerda! É que em presença de um líder de tal envergadura, até se esquece o que a arte de lidar touros tem de basililar e clássico. Duas voltas à praça, devolvendo chapéus, saída aos «médicos» com o público de pé a aplaudir, numa ovação que se prolongou até à saída do 7.º touro, constituíram verdadeira apoteose. Acrescente-se ainda que, com o capote, Ortega foi o melhor dos três «espadas» com soberbos lances, sérios e até salpicados de graça toureira.

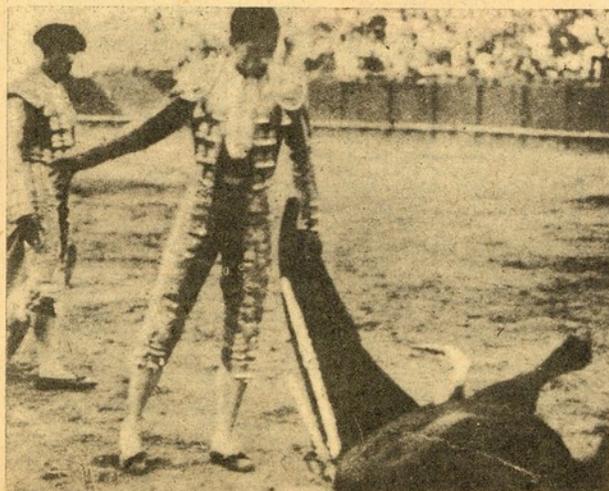
Na sua voluntariosa «faena», cheia de graça e cor, Pepin Martin Vazquez teve lindos passes, que muito se aplaudiram e que em conjunto constituíram um labor variado em que apareceram «naturais», «de peito», «sem redondo», «molinetes», «faróis» e «manoletinas» num ritmo agradável que a assistência sublinhou como convinha. Um par a «quebro», estupendo, deu ainda a nota do valor do simpático Pepin, em quem acreditamos e confiamos.

D. Vasco Jardim, o cavaleiro da tarde, não esteve tão feliz como seria para desejar. A nota de toureiro honesto e sabedor deu-a, porém, no 1.º touro, num enorme ferro «à tira», que não foi aplaudido como merecia, e num dos «curtos» que foi simplesmente grandioso. No segundo inimigo, menos brilhante, pouco fez de notável, tendo deixado colher a montada mais duma vez, talvez por má avaliação da rapidez de entrada do touro.

As «quadrillas» muito bem na brega, assim como os nossos Procópio e Correia.

E desta forma terminou, na primeira praça do país, a época de 1944, de que oportunamente nos ocuparemos, num exame geral do que se fez e do que se viu.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Carlos Arruza, depois da sua colhida em Sevilha, contempla o touro que o feriu e que ele próprio matou de certa estocada

Em Vila Franca

## As corridas da Feira

**C**OM o tradicional entusiasmo, realizaram-se as corridas da Feira de Vila Franca de Xira que este ano tiveram como organizador o nome prestigioso de José André, que viu os seus bons esforços ameaçados por alterações de última hora a que os elencos foram forçados. Isto deu lugar a certo desinteresse público que poderia ter sido fatal, só não acontecendo assim porque os espetáculos tiveram sempre qualquer coisa de bom a criar interesse ao que se seguia.

Da primeira corrida devemos salientar o invulgar triunfo de Simão da Veiga, que lidou primorosamente os seus touros, variando de sortes e de terrenos com rara intuição artística e alma toureira, certos detalhes de Alberto Luis Lopes, sempre valente e mostrando nas mais pequenas coisas a boa qualidade do toureiro que está em si, as interessantes exhibições de Augusto Gomes com a «muleta», a excelente «brega» de Correia, uns lances sobrosos com o capote e a «muleta» do novilheiro estreante Aguado de Castro, um bom par de bandarilhas de Júlio Glória e aceitáveis de Gorjão e Carlos Santos, e as rijas pegas dos forçados de Alcochete e Vila Franca.

Na segunda tarde apontamos excelentes ferros de António Lopes ao lidar muito bem o primeiro touro, a correcta lide de D. Vasco Jardim e a péssima qualidade da maioria das rezes, provocando protestos que justificaram a atitude do mexicano Felipe Gonzalez.

Na terceira corrida, nocturna, destacou-se João Nuncio pela maneira como lidou os seus touros, merecendo muitas palmas, de que, em parte, compartilhou Murteira Correia, apesar de não estar nos seus dias mais felizes. Dos «espadas», só «Valencia III» fez coisa de jeito, com mais vontade que mérito real, mas ouvindo palmas. Procópio destacou-se na brega e os forçados fizeram duas pegas que mereceram aplausos.

A última corrida reuniu o trio Simão-Lopes-Nuncio numa competência de que saiu vencedor Simão da Veiga pela maneira extraordinária como lidou o primeiro touro, fazendo novamente alarde de todo o seu valor como toureiro e da alegria incomparável do seu variado e colorido toureiro. Lopes e Nuncio tiveram também excelentes ferros compridos e curtos que a assistência sublinhou com fortes aplausos. «Valencia III», manifestando as suas boas qualidades esteve diligentíssimo e desejoso de agradar, o que em parte conseguiu.

O grupo de forçados de Santarém (amaduros) fez pegas colossais, sobretudo a primeira, de D. Fernando de Mascarenhas.

Em resumo: quatro corridas animadas, apesar de algumas coisas bastante más — sobretudo os touros do sr. Joaquim dos Santos.

# CAPOTAZOS

SIMÃO DA VEIGA



Simão da Veiga voltou de novo a Espanha para tourear em Madrid numa corrida formal, actuando antes, a cavalo e a pé, num festival em que toureará em competição com o espanhol Alvaro Domecq.

Simão volta a Madrid como consequência natural do extraordinário êxito ali alcançado numa corrida em que também actuaram «Cañiñtas», «Morenito de Talavera» e António Bienvenida.

PÁGINAS DE GLÓRIA



«Correo de Andaluzia» classifica a colhida de Carlos Arruza como uma das páginas mais belas e emocionantes da história do toureiro. Realmente, deve ter sido emocionante o momento grandioso em que o toureiro ferido se nega a recolher à enfermaria para, sem quasi poder andar, se perfilar ante o inimigo, matando-o de certa estocada. Assim triunfou Arruza uma vez mais, e razão tem o jornalista ao

escrever que cenas como esta não podem jamais esquecer-se porque ficam como um exemplo e uma lição!

TOIROS PORTUGUESES



No passado dia 1 foi lidada em Sevilha uma corrida dos «ganaderos» portugueses Irmãos Andrade, de Almeirim, que mereceu os unânimes louvores da crítica espanhola.

«A. B. C.», na sua edição andaluza, classifica-a, em conjunto, como a melhor da temporada, tanto em apresentação como em tipo e bravura.

Como circunstância indiscutível basta citar o facto de três dos hastados terem dado a volta ao redondel no «arvastre», entre clamorosas ovações do público que enchia a «Maestranza».

Tal resultado deve encher de júbilo os conceituados «ganaderos», e é de supor que ele não só lhes leve indicações como ainda os anime a enveredar pelo caminho do «mais e melhor», o que terá decisiva influência no prestígio da Festa em Portugal.

As nossas felicitações aos «ganaderos».

## OS LIVROS DO MOMENTO



Um dos mais célebres romances da literatura francesa que é considerado uma obra-prima da literatura universal. Apresentação luxuosa da Portugália Editora.



É uma das obras-primas de Grazia Deledda, um extraordinário romance de costumes sardos, em que a autora, prémio Nobel de literatura, nos descreve caracteres desconhecidos, vigorosos paízes de alma forte e selvagem.

Este livro, que vai constituir uma autêntica revelação para o público português, é editado pela Editorial GLEBA, Limitada, Rua da Madalena, 211, 3.ª — Lisboa.



Um dos romances do instigante escritor francês Pierre Louÿs, em que nos revela numa maneira empolgante a alma duma mulher a um tempo provocante e esquiiva. Edição da Livraria Pacheco, Rua da Misericórdia, 79 — Lisboa.

# COSTA BROCHADO

(Continuação da pág. 19)

Escurial. Na cripta do Mosteiro, onde repousam os reis de Espanha, só havia dois lugares vagos. Afonso XIII explicou que um seria para a mãe, já morta, e que o outro — dizem — será para mim. Cá fora, aquêle jornalista espanhol que está ao lado do senhor general Carmona, com uma grande bengala na mão, contou-me que corria na Espanha a lenda de que, quando os lugares da cripta fossem todos ocupados, acabaria a monarquia espanhola! Isto me fez uma grande impressão quanto ao trono de Carlos V ruído estrondosamente...

A nossa vista havia-se desviado para o fundo onde em cima dum mármore e ao lado duma foto duma linda rosa natural uma outra fotografia nos mostrava Fernando Pessoa sentado lado a lado com Costa Brochado a uma mesa de café. O senhor Costa Brochado adivinha a nossa curiosidade, e esclareceu:

— Dizem que essa fotografia é a melhor que nos ficou de Fernando Pessoa. Também penso isso.

— Como conheceu Fernando Pessoa?

— Muito simplesmente: um dia, estando eu no meu gabinete de «A Verdade», recebi a visita de Pessoa. Alá ia, como éle mesmo explicou, com o escrúpulo e cuidado que punha em todas as suas atitudes, prestar homenagem ao senhor director de «A Verdade». Dito isto, e trocadas algumas palavras protocolares, Fernando Pessoa deixou-me um exemplar da «Mensagem» e desapareceu no fundo da escada.

Mas conheceu intimamente o poeta sobre a sua personalidade invejável tão diversos e por vezes tão desencontrados depoimentos têm sido feitos? — interroga o jornalista.

O senhor Costa Brochado reata o fio da sua conversa:

— Passados três ou quatro dias, fui retribuir-lhe a visita ao café Martinho, da Arcade, onde o poeta dava as suas recepções... E ficámos amigos. Voltet muitas vezes, e falámos de tudo e de todos... Grandes horas ali passámos, sempre sôzinhos (apenas uma vez apareceu Ferreira Gomes, por quem Pessoa nutria a mais viva simpatia, conforme observei) num recanto do pacífico café, discutindo política, religião, ciências e letras. Fernando Pessoa simpatizava comigo e abria-se-me tanto quanto um iniciado pode falar a um homem... livre!

«Quantas surpresas para alguns dos que por aí andam parasitando à sombra do seu nome, no dia em que eu tiver vagar para publicar os apontamentos que sobre éle fiz? Por exemplo: nunca vi um homem mais monárquico nem que mais brilhantemente defendesse a monarquia do que Fernando Pessoa. E ainda não encontro mais digno e sério admirador do senhor doutor Oliveira Salazar do que esse homem. Também será difícil calcular o divertimento espiritual que Fernando sentia ao ler a versalhada e a filsofada de alguns dos que lhe chamam pai literário... Ele que era um clássico, um dos últimos grandes clássicos! Poeta? Pensador, pensador de profundidade, trabalhando misteriosamente com faculdades isotéricas, ti-

nha algo de profético e cabalístico, e era, por vezes, de uma lucidez impressionante. Espírito universal, mas universalidade do Quinto Império...

O jornalista, que nada quer perder para a entrevista, dispara nova pergunta:

— É certo que conheceu Salazar pessoalmente? Que impressão pessoal colheu do seu contacto com o Presidente do Conselho?

O senhor Costa Brochado, que mantém pelo senhor doutor Oliveira Salazar uma altíssima admiração, detém-se uns ligeiros segundos a precisar a resposta:

— A melhor possível. Nunca falei com homem mais simpático e aliciante do que o senhor Doutor Oliveira Salazar.

Ousadamente perguntamos-lhe que aspecto lhe oferece a nossa história política de Afonso Henriques a nossos dias.

O senhor Brochado sorri-se, para nos dizer:

— Com mais um pouco de esforço o meu amigo pedia-me o *relance* desde os tempos bíblicos aos do «Pintor» e «Al-ó-Linda»... Entender-nos-emos — acrescenta éle em tom de seriedade — se eu disser que, enquanto houve unidade religiosa, existiu unidade política em Portugal?

O jornalista estava, por assim dizer, satisfeito. Dirige ao ilustre entrevistado as últimas perguntas:

— Qual o seu próximo livro?

— O meu próximo livro será *D. Afonso Henriques*, estudo da fundação do Reino de Portugal, portanto estudo da vida medieval portuguesa. Já devias estar quasi pronto, a estas horas. Mas... tenho sido obrigado a perder o tempo com as miludezas da vida. Espero, porém, concluí-lo ainda este ano.

— E projectos para de futuro?

— De projectos futuros é melhor não falarmos. Não acha que não será muito deixarmos, ao menos, isso a Deus?

A entrevista estava terminada. Costa Brochado, amavelmente, acompanha-nos à porta.

Ao nosso espírito ocorre um acto que conhecemos da sua vida, o qual dá o traço forte da sua personalidade: em determinada altura da existência do seu órgão político, «A Verdade», seus companheiros e admiradores no movimento de idéias que dirige o país desde 28 de Maio de 1926, organizaram um banquete de homenagem em que Costa Brochado recusa para oferecer intacta, em toda a sua pureza, aquela manifestação a Salazar, porque a sua acção jornalística só fóra possível porque Salazar existia e realizara uma obra.

Como jornalista Costa Brochado foi, sem dúvida alguma, aquêle que melhor serviu as intenções do movimento desencadeado em Braga, à voz marechal Gomes da Costa, em 28 de Maio de 1926, e, «observador como sempre tem sido dos deveres de subordinados», éle surge como um dos mais activos propugnadores duma idéa e dos mais extremos defensores duma doutrina — dentro do vasto panorama do Nacionalismo português.

JOSÉ PLÁCIDO

## A frente única — (Continuação da pág. 12)

se têm dito e do muito que se tem visto, o meridiano das influências que se desenhava. Ao tempo que se iniciou a cooperação activa dos exercitos russos com as tropas subordinadas ao comando de Tito, que tinham marcharam sobre Belgrado e outras cidades do país, iniciou-se a série de desembarques britânicos no sueste europeu: Iugoslávia, Albania e Grécia. A operação, que há tantos meses parecera ter entrado no domínio das possibilidades estratégicas, com o apoio próximo das bases italianas do Adriático, chegou, finalmente, à altura das realizações, lançada do mar e pelo ar. É verdade ainda que, pelo menos na sua primeira fase, decorreu com um mínimo de publicidade. Mas era evidente que a sua extensão não era de desprezar. A notícia da acção contra diversos pontos, insufficientemente determinados, da Iugoslávia e da Albania, seguiu-se a do desembarque na ilha de Citera, junto à costa meridional da Grécia, o que significava, afinal, que os ingleses deixavam para trás a posição de Creta, de que já não careciam como trampolim para operações contra o continente. Dias depois, Londres informava do desembarque em Patras e da acção conjugada contra diferentes pontos do Peloponeso.

É a quarta frente a funcionar. É a campanha dos Balcans reaberta — do lado occidental. À vista do mapa, desenha-se finalmente a convergência de esforços dos dois polos do bloco das Nações Unidas e, evidentemente, a proximidade de cooperação dos exercitos anglo-americanos com os exercitos russos. Os aliados de oeste e de leste vão encontrar-se. Independentemente da consagração de perem os mesmos os pontos balcânicos, independentemente de perderem ou conseguirem salvar os seus exercitos já estabelecidos, facto de maior significação, parece ser o de, pela primeira vez, se estabelecer uma frente contínua, uma frente única, onde pode tirar-se a medida da capacidade de colaboração entre os russos e os anglo-americanos. Essa oportunidade está à vista.

J. R. S.

## O Regente Horthy

(Continuação da pág. 12)

por motivo da morte do seu filho, ocorrido no avião de caça em que combatia na frente de batalha, lhe tributou um expressivo testemunho do seu apreço.

Profundamente atingido na sua vida familiar e particular — dos quatro filhos que tinha apenas um é vivo — o almirante Horthy, que é um grande desportista, continua à frente dos destinos da Hungria, nesta hora que é de novo grave e em que tudo poderá fazer acreditar num «volte-face» da politica, tão ligada aos factos da guerra. A guerra conduziu a luta até às suas fronteiras e há já notícias de terem sido evacuadas parcelas de território húngaro. Numa situação que dificilmente se poderá prolongar, a Hungria será brevemente obrigada a encontrar a solução dos seus problemas do momento. Mas, então, como há mais de 20 anos, a figura do Regente Horthy — que parece simbolizar para o seu povo o mesmo que Manneheim é para os finlandeses — será, tão forte, tão solidamente apoiada que detenha nas mãos a solução dos mais graves problemas da Hungria?

## Clube Radiofónico de Portugal

(Continuação da pág. 14)

boa... Talvez um dia isso se consiga... Sobre intercâmbio...

Apenas mantemos com a «Ideal Rádio», do Porto, um programa dedicado à «Casa do distrito do Porto em Lisboa»...

— Sobre os vossos artistas e locutores, que nos pode dizer?

— Que estamos gratos a todos... e que todos fazem o melhor que sabem. Actualmente, temos quatro locutores, e entre éles um dos mais antigos da Rádio portuguesa: Elísio de Lacerda.

Além dos dois locutores novos, que marcam progressos dia a dia, temos também uma locutora licenciada em Letras...

— Como se chama éla?

— É segredo!... E isto por razões particulares que respeitamos... Sobre os artistas, destacamos Fernando de Oliveira, um colaborador incansável e de bom nível no nosso meio radiofónico... E, depois d'êlo, temos ainda os que colaboram no programa «O Recreio do Ouvinte» que Fernando de Oliveira dirige e que são, entre outros, Lúvia Jacques, Estrêla de Sousa, Martinho de Sousa, etc., não esquecendo também a nossa pianista Ernestina de Almeida... Enfim, os nossos artistas e locutores não nos envergonham...

E depois disto a conversa seguiu um ritmo diferente e a visita continuou sem o fim jornalístico que lá nos levou... Saímos com a certeza de que o Clube Radiofónico de Portugal tem grandes possibilidades, e que actualmente marca entre os congêneres um assinalado lugar de destaque. Desejamos ao C. R. P. as prosperidades que merece.

## A LUVA

(Continuação da pág. 24)

de crime nunca um acusado devia ser tratado como criminoso. Evidentemente, o caso agora era diferente: Dunne era já um criminoso provado.

— Sabe que é você o último homem de quem havia de suspeitar? Se não tivesse sido encontrado com o cadáver e o roubo nos bolsos, nunca ninguém iria pôr o sentido no honrado ourives da cidade...

Dunne não respondeu. Para irem à esquadra, tinham de passar por sua casa. Pediu licença para entrar, porque estava frio e queria ir buscar um sobretudo.

— Certoamente, pode ir — disse o inspector. — Mas irão dois polícias consigo.

Dunne abriu a porta lateral, aquela por onde entrara em seguida ao crime, e parou, estarecido... Primeiro o pé, depois a vista, tinham tocado em algum coisa que jazia no chão. Inclinou-se, para a panhar, e uma súbita emoção o deixou como que paralizado. O inspector aproximou-se e viu Dunne olhando fixamente um objecto que segurava na mão.

Era a luva que julgava ter deixado na casa roubada, junto do cadáver, e por causa da qual tinha voltado ao lugar do crime!

— Então, agüente-se! — dizia um dos polícias.

Mas Dunne escorregou-lhe das mãos e caiu fulminado no solo...

# A poetisa do desespero!

**N**ÃO sei porque me lembrei hoje de Alfonsina Storni. Talvez por vir próximo o dia em que faz seis anos de morta, talvez por ter lido a seu respeito estas palavras de Gabriela Mistral:

«Alfonsina era uma abelha inédita entre as cantadas pelos poetas gregos: a véspea que no vôo se persegue a si mesma, antes de cair sobre o bosque de mirtos, a abelha-véspea que dança um bailado inquieto, buscando sua própria carne para sangrá-la num jôgo pueril que — confesso costuma fazer-me chorar...»

Alfonsina Storni nasceu em Coronda, Argentina. A sua infância não foi das mais belas, nem das mais sosegadas. A mãe era muito doente e o pai poucas vezes parava em casa e mesmo quando vinha, o dícolo absorvia-lhe todos os momentos. Foi, portanto, criada num quâsi à-vontade rústico, como ela própria escreveu: «como um animalzinho, sem vigília, banhando-me nos canais de San Juan, trepando nos pessegueiros, dormindo com a cabeça entre pânpanos».

A sua adolescência não foi mais cuidada. Mas aos dôze anos escreveu o seu primeiro poema. Escreveu-o de noite, sôzinha em casa com a mãe enferma, a luz fraquinha mal deixando adivinhar o contorno dos objectos, o cão uivando lá fora na volta da estrada que leva à plantície sem fim. E ela, amedrontada, com o coraçãozinho como apertado por mão férrea e invisível, escreveu sobre cemitérios, doenças incuráveis, vê a sua própria morte e exprime o seu desespero naquela noite medonha!...

Foi assim o seu primeiro poema: triste e sombrio! Mas pouco alegres foram, então, os que se seguiram! Durante toda a sua vida escreveu quinze livros, entre êles «El ruego», «Irremediavelmente», «Languidez», «La inútil Primavera», «Dolor», «Tu que nuncá serás» e «Epitáfio para mi tumba».

Os títulos destes livros falam por êles. O seu espírito moço e entusiástico leva-a em cavalgadas pelos campos da imaginação. Mas Alfonsina, por mais distante que ficasse do que a cercava, não conseguia esquecer-se dos seus próprios males. Alfonsina chorava, por vezes, ao escrever os seus próprios versos. Chorava porque os sentia, porque os arrancava a si própria.

Atacada de doença incurável, sentindo-se perdida, evitando com tristeza o contacto com as pessoas suas amigas, Alfonsina resolveu numa manhã de desespero, afogar a sua dor, despedaçar a sua vida, acabar definitivamente com essa maldita doença que a separava da própria vida. E resolveu suicidar-se. As águas do Mar del Plata receberam-na em seu seio e o corpo de Alfonsina Storni, desapareceu para sempre.

Porém, a sua dor, o seu espírito e sobretudo, o seu desespero, ficaram pelo séculos fora, gravados nos versos que ela nos deixou!...

MARIALIA

## A arte de saber andar

**L**EMOS, há pouco, num jornal es-  
panhol, cinco mandamentos para aprender a andar. E ao lê-los, pensamos que, na verdade, saber andar com graça e ritmo é quasi uma arte, pois nem toda a mulher, por muito elegante que seja, pode gabar-se de saber caminhar bem.

Vamos reproduzir para as leitoras desta página êsses mandamentos do referido jornal, não com a certeza de serem eficazes, mas pela curiosidade que êles apresentam...

**PRIMEIRO:** Para os pés adquirirem uma bonita forma, devemos sentar-nos numa mesa, com as pernas esticadas e estendendo os dedos como se pretendessemos tocar no solo. Depois, colocar-se no chão e levantar-se em pontas. Tudo isto deve repetir-se umas 25 vezes.

**SEGUNDO:** Para a elasticidade dos músculos do pé — Levantar do solo, com os dedos, um lápis grosso e caminhar aos saltinhos, tendo o cuidado de não deixar cair o lápis.

**TERCEIRO:** Apoiar bem a planta do pé no solo, levantando alternadamente os dedos.

**QUARTO:** Para dar vigor aos dedos dos pés e aos músculos das pernas — Saltar em bicos de pés do chão para um banquito de madeira e vice-versa, procurando não tocar no chão nem no banco com a planta do pé.

**QUINTO:** Para embebezar o tornozelo — Levantar-se sobre um pé e esticando bem os dedos do outro, fazer um semi-circulo no solo. Fazer isto 15 vezes por cada pé.

Todos êstes exercícios terão de ser feitos com lentidão, para que resultem proveitosos. Eis traduzidos, os cinco mandamentos para bem saber andar.

Por nós confessamos, que se bem não soubermos andar, talvez, também, nunca mais consigamos andar melhor!...

**Respondendo às leitoras**

«Atrapalho-me sempre que quero fazer apresentações, talvez por falta de hábito. Há alguma regra que possa fixar-se?»

**ZEQUINHA PROVINCIANA**

Regras há. O que é preciso é treino, de facto... Suponha que tem de apresentar uma senhora a um cavalheiro: primeiro diz o nome dêste, depois o nome da senhora; se forem duas senhoras, primeiro diz o nome da mais nova ou da solteira, depois o da casada ou mais velha. Se forem dois cavalheiros, diz, também, primeiro, o nome da pessoa menos idosa ou de menor representação social. As boas regras de etiqueta dizem que uma senhora casada não deve apresentar cavalheiros a seu marido. Mas, é claro, essas coisas hoje passam um pouco mais «despercebidas» e as regras tornam-se menos rígidas — para quem goste...

## A RECEITA DA SEMANA

**FRANGO DOURADINHO**

Corta-se em pedaços regulares um frango grande e gordo e deixa-se em vinha de alhos, por espaço de três horas. Depois, escorre-se bem e passam-se os pedaços, um por um, em farinha de trigo e fritam-se em duas colheres de sôpa de azeite e duas de manteiga, numa çagarola que feche bem. Tenha-se, porém, o cuidado de não deixar que os pedaços do frango fiquem mais fritos dum lado do que do outro. Quando tudo estiver bem dourado, despeja-se na çagarola meio copo de vinho branco com duas cebolas regulares bem picadinhas. Tapa-se bem e deixa-se ferver em fogo lento, até o frango amaciar. Em seguida juntam-se ao guisado uma colher grande de extrato de tomate, um punhado de azeitonas descaçoadas, o conteúdo de uma latinha de «Champignons» e meio quilo de batatinhas inglesas, bem miúdas, cozidas e passadas em manteiga. Arranja-se depois um prato com pão cortado em molde de coração ou estrêlas, torrados em manteiga e colocados sobre ramos raminhos de salsa. No centro do prato — grande, é claro — dispõe-se o frango e seus ingredientes, cobrindo-se tudo com «petit-fôis» aquecido em manteiga. Serve-se bem quente e sabe muito bem!

## Três modelos originais, exclusivos de «Vida Mundial Ilustrada»



Vestido «Verde-mar» com guarnições de tecido oriental em cores vivas.

Vestido de lã fina «bordeaux», com a saia ligeiramente franzida atrás.

Vestido de lã verde com pespontos e monogramas castanho claro. Nas costas, é abotoada até à cintura com botões de camurça castanha.

**T**EMOS o prazer de lhes apresentar uma jóvem e já lançada figurista. Chama-se Gina e oferece hoje, às nossas leitoras, três conjuntos para o Outono, originais e irreproduzíveis noutras publicações.

## POMPEIA



**CÔRES NATURAIS**  
**O PÓ DE ARROZ**  
Incomparável

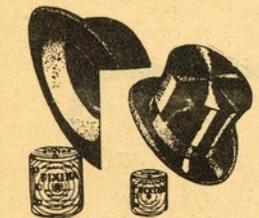
## CONFIDENCIAS

Em a dar nossas mais elegantes e concorridas pratas realizou-se, há dias, no seu sumptuoso Casino, uma interessante feira, marcada pela distinção que a revista e deixando em todos aqueles que a ela assistiram inolvidáveis recordações.

Nam dos intervalos, a um canto do salão, um grupo de senhoras da nossa sociedade discutia animadamente se a encantadora Maria Manuela tinha ou não «maquiagem».

Podemos garantir que essa arte de bronze, luminosa dando-lhe a majestade da estatuária antiga, é natural. Maria Manuela, alinhando-o com conhecimento de causa, no seu belo torso adolescente aplica apenas pó de arroz Pompeia, nada mais.

## L.T. PIVER



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

**FIXINA**  
O fixador de cabelo das pessoas distintas

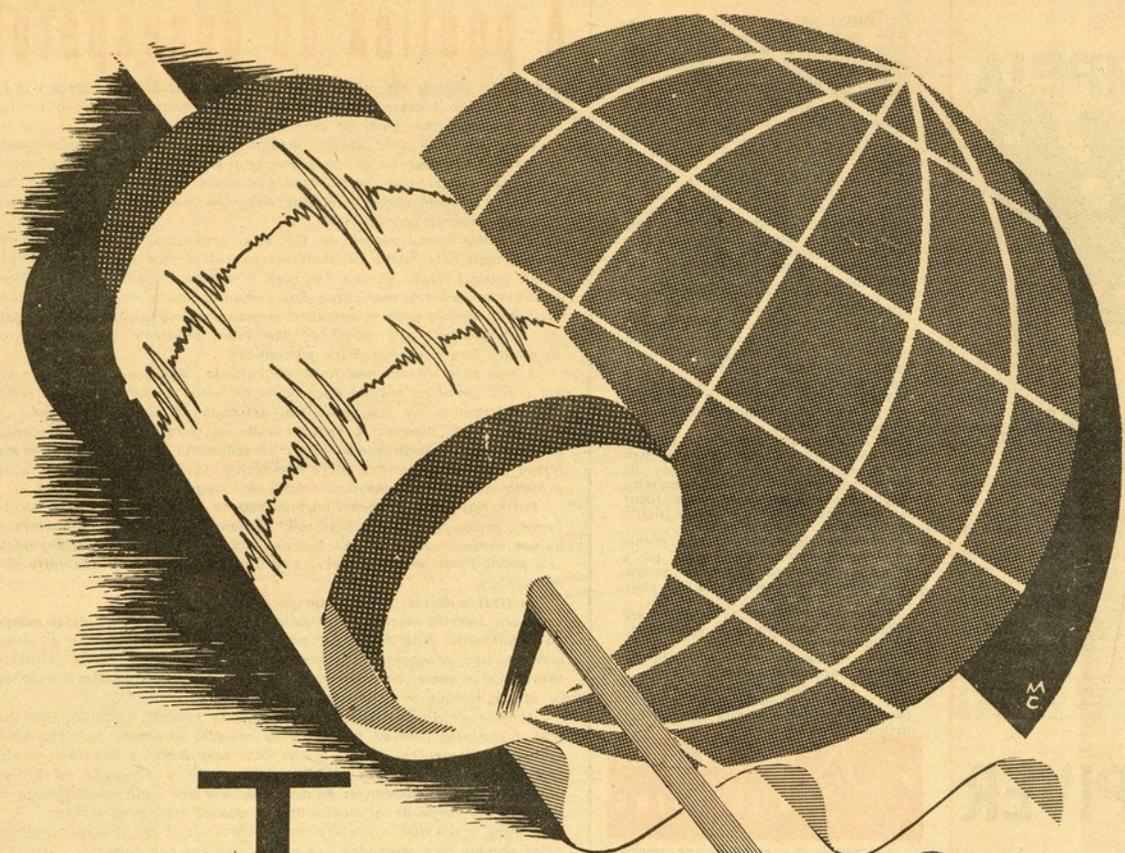
1944. Botão maior, 15\$00  
Botão menor, 10\$00  
Vende-se nas boas drogarías, bearrias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudl — Rua S.º Ildefonso, 29, Pôrto — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 4 3582.

## O LIVRO DO MOMENTO

## A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra  
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em tôlas as livrarias  
Uma magnífica edição  
de «VIDA MUNDIAL»



# Tremores de terra

Actualmente a localização dos jazigos de petróleo faz-se por meio de explosões que provocam tremores de terra circunscritos a uma limitada área e cujos efeitos, registados num sismógrafo, dão as indicações necessárias.

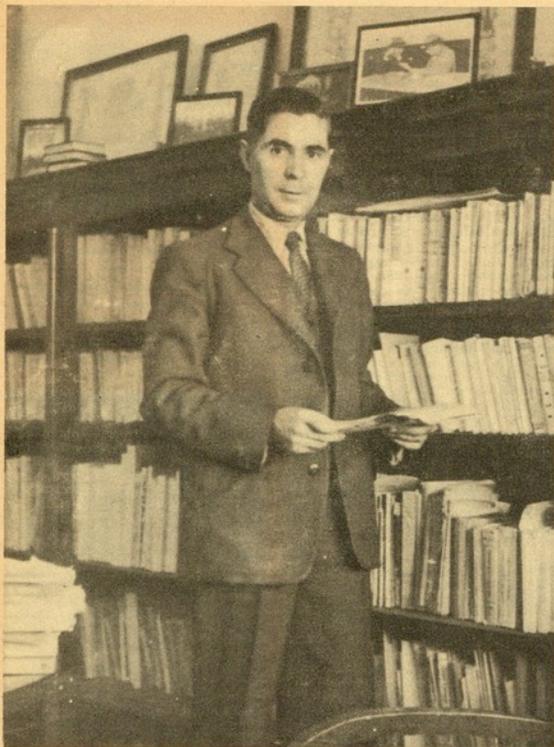
Nestes trabalhos emprega a Vacuum técnicos da maior competência e nos últimos tempos, antes de estalar a actual guerra, andava por 870 o número de poços que a Companhia abria anualmente.

Dêstes e de outros poços provém parte da matéria prima utilizada na refinação dos seus produtos famosos que escasseiam agora, mas que V. Ex.<sup>a</sup> obterá facilmente logo que as circunstâncias o permitam.

**SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.**

## COSTA BROCHADO

perante os homens e os factos afirma:—Fernando Pessoa era admirador de Salazar e monárquico!



**I**DALINO Ferreira da Costa Brochado, que iniciou a sua carreira jornalística como redactor de «O Comércio do Porto», antigo director do semanário «A Semana» e «A Verdade», o primeiro um jornal literário, o segundo um jornal político, é hoje um dos mais destacados valores da sua geração.

Depois de se ter revelado um dos jornalistas mais robustos do nosso tempo, Costa Brochado afirma-se hoje, aos 40 anos de idade, como historiador feito, sem dúvida dos mais notáveis das actuais gerações.

Os seus livros, desde o primeiro, sobre D. Sebastião— livro que de algum modo restabeleceu a verdade histórica depois da contenda travada entre Carlos Malheiro Dias e António Sérgio, que apreçaram o «Desejado» através de uma viva polémica de intuitos e conclusões políticas— até este que nos fala de Afonso de Albuquerque e o nosso Império da Índia, aí estão a atestar o seu forte labor literário e de investigador.

O seu livro sobre a figura do

Infante D. Henrique, sonhador da Ponta de Sagres, está a merecer por parte da crítica a mais viva atenção, nas colunas da «Semana Nova», através dos depoimentos críticos do antigo professor catedrático e estudioso historiador dos Descobrimientos Portugueses, Doutor Duarte Leite e do sábio almirante Gago Coutinho.

Redactor da Assembleia Nacional, director da sua Biblioteca, outra vez dirigida por Alberto Pimentel, o grande amigo de Camilo, Costa Brochado recebeu-nos em sua casa, na rua de S. Bernardo à Estrêla, deixando-nos entrever, ao primeiro contacto, aquilo que de facto é: par entre pares de jovens do exército, desde Humberto Delgado a David Neto, nos mais decisivos lances da Revolução do 28 de Maio.

É que a geração de oficiais do exército que arrancou em 28 de Maio de 1926, encontrou em Costa Brochado o jornalista do seu movimento, senhor da mesma compleição moral e seguro da mesma ortodoxia política.

Por isso, não será nunca possível aos historiadores de futuro, quando quiserem fazer a história do movimento militar do 28 de Maio e seus conseqüentes, prescindir da consulta do jornal «A Verdade», o único caso de jornalismo pessoal no nosso país depois do caso de Homem Cristo e «O Fovo de Aveiros», sem o qual e pelas mesmas circunstâncias, Raúl Brandão considerou não poder fazer-se a história da República implantada em 1910.

Não foi, porém, o homem político que nós fomos ouvir, mas sim o historiador.

Por isso perguntámos, a ele que velo do jornalismo de reportagem:

— Que motivos o levaram a envolver-se pela senda da História?

— Conhecer bem o passado para desvendar o futuro...

E o autor de três livros de história, um dos quais mereceu por unanimidade o prémio de «Alexandre Herculano» do S. P. N. até que ponto julga ser possível dar com exactidão a visão de uma época?

— Tudo isso se pode fazer, sem dificuldade de maior, havendo documentos. E o grau de exactidão, nisto como em tudo, fica apenas sujeito à relatividade humana.

— Das três figuras da nossa história, D. Sebastião, Infante D. Henrique e Afonso de Albuquerque, cujo estudo fez em três publicações sucessivas, qual delas o impressionou mais fortemente?

— Nenhuma dessas figuras lembra qualquer outra; são duma originalidade completa. Nessas condições não é possível dizer-lhe, com a facilidade que implica uma resposta destas, qual delas me impressionou mais fortemente. De resto, como eu só escrevo sobre pessoas e coisas que me impressionam fortemente, não há dúvida de que cada uma dessas figuras me impressionou igualmente, no momento em que as estudei e no prisma em que as vi.

— Guerra Junqueiro, a propósito das múltiplas interpretações históricas, dizia que a única história verdadeira era a da Natureza...

— Junqueiro, meu amigo, era um passador de frases feitas... Tire-lhe aquilo incomparável poder verbal, as prodigiosas faculdades auditivas que caracterizam os seus versos, um certo lirismo de barricada, e ficare-

mos em presença de um grande artista que não tem nada a dizer-nos. Repare na frase que acaba de citar: «A única história verdadeira é a da Natureza!». Como vê, esta frase não diz coisa nenhuma. Mas também não é preciso: toda a gente compreende que a História, como todas as artes e ciências, suporta, dentro dos limites que a ciência lhe marca, várias interpretações. Mas daqui a dizermos, como vão dizendo a ignorância e o atrevimento de alguns, que todas as interpretações são legítimas, val uma distância incomensurável. Corresponderia isso a afirmar, por exemplo, que é livre a um retratista a interpretação da cor dos olhos do retratado...

Imprevistamente dizermos-lhe nova pergunta:

— Como encara o actual panorama literário português?

Costa Brochado não demora nada a responder:

— Muita parra e pouca uva... São ainda os velhos quem anima e enobrece a República das letras... Poetas somos todos, ou fomos, desde que se convencionou aceitar que poeta é um homem que faz versos... Romanicistas, são mais do que os leitores... Na história, na sociologia, na economia, tem-se feito— aqui sim!— progressos incalculáveis. Só lhe direi que Herculano, o grande Herculano, apesar de continuar a ser o primeiro, está emendado em muitas páginas. Oliveira Martins, e todos os do outro século que se ocuparam da nossa história económico-social, estão ultrapassados brilhantemente.

O jornalista fixa-se agora num quadro suspenso sobre a estante de livros, junto à qual Costa Brochado se encontra e não vê a dizer-lhe:

— Não figura ali, ao lado de Afonso XIII e do Presidente Carmona?

Costa Brochado, pressuroso, atalha:

— Essa foto foi tirada nos claustros do Escorial. Veja a tristeza de D. Afonso XIII! Pressentia a derrocada do trono, a sangria da Espanha! Pouco tempo reinou, depois dessa fotografia histórica. Era encanador o último rei de Espanha! Serviu de cicerone ao senhor general Carmona e comitiva, na visita ao

(Continua na pág. 16)

## FERREIRA DE CASTRO REGRESSOU DA VOLTA AO MUNDO E JOÃO DE

### BARROS JA NÃO VAI AO BRASIL...

**F**ERREIRA de Castro vem de longa caminhada. Acabou de dar a «Volta ao Mundo», regressa ao seu rincão português e ao convívio feliz dos amigos, ao contacto das coisas pequenas da nossa terra. Para trás, fica esse mundo diferente e exótico. Aqui há só a Praia de Santa Cruz— e João de Barros que também parece estar a dizer-nos, na sua atitude simples:

— Não, já não vou ao Brasil. Tão cedo, pelo menos... Fico-me por aqui...

E, de facto, João de Barros, o poeta do «Anteu» e o coração que tanto sabe amar as virtudes brasileiras, desistiu, por agora, de aceder ao convite que o governo de Getúlio Vargas lhe fizera...

Esta fotografia, que é inédita, foi feita no último mês de Setembro, em Santa Cruz, durante uma visita de Ferreira de Castro a João de Barros.



## FALA-SE ESTA SEMANA

SAMUEL JONES



Portugal, a sua gente, a sua língua, estão a interessar o mundo, pelos seus méritos próprios e mercê da estima de muitos que alguma vez cá vieram, sendo de fora. Entre estes, o sr. Samuel Jones, adido da Imprensa à embaixada dos Estados Unidos, deve desde sempre destacar-se, pelo seu entusiasmo no estreitamento das relações entre Portugal e o seu país. Recentemente, Samuel Jones esteve em Londres e nos Estados Unidos, onde estudou um plano de propaganda do nosso país. Só nos Estados Unidos, existem 600 mil portugueses que Samuel Jones quer aproximar de Portugal, falando-lhes na terra adoptiva do seu país natal.

CARLOS QUEIROZ



Na nossa terra, as iniciativas são poucas e quando nascem morrem logo em seguida, por falta de estímulo e da boavontade de quem não faz nem deixa fazer. Carlos Queiroz, poeta moço que não se fica na contemplação das estrelas, entrou no campo da acção e lançou a público a revista «Litoral», um apanhado de nomes e idéias servidas pelo entusiasmo de gente da nova geração. A sua revista acusa, precisamente, essa seiva da mocidade, belas manifestações de espírito jovem que sabe querer e encontrou já o rumo das idéias.

# HISTÓRIA DA GUERRA

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI  
Países ocupados — Noruega

O período da ocupação alemã, iniciado em 25 de Setembro de 1940, pode considerar-se prolongado até ao princípio de 1942, data em que os rigores da ocupação se agravaram em condições que ficariam constituindo uma das páginas mais dramáticas da história daquele país. O terceiro e último período é o que abrange os anos de 1942, 1943 e 1944, até agora.

A segunda fase, aquela de que vamos ocupar-nos, iniciou-se com o discurso do Comissário do Reich, Terboven, a que já fizemos referência, e com o famoso decreto, a que já também nos referimos, promulgado naquela data. Quando o Comissário do Reich adquiriu a convicção de que não conseguiria que o «Storting» do seu voto, decidiu prescindir desse fundamento e proceder, com uma energia crescente, perante a relutância crescente que os noruegueses manifestavam para cumprirem as suas determinações.

Com o desaparecimento do Conselho de Administração, instituído no começo da ocupação, os noruegueses perderam a última esperança de que a sua sorte viesse a ser rapidamente modificada. Iniciava-se o processo de integração da pátria norueguesa, no espaço vital do Grande Reich. O povo da Noruega recebeu essa idéia com um sentimento misto de desapatimento e desgosto.

A forma de governo e as instituições políticas tradicionais da Noruega, os hábitos do seu povo e os costumes que o haviam consagrado no conceito geral, estavam em oposição evidente com os hábitos predominantes na comunidade alemã de que ele devia fazer parte e na qual precisava de se integrar rapidamente, sob pena de medidas severas. Para os dirigentes alemães e para os seus representantes na Noruega, o problema fundamental consistia em afastar todos os obstáculos que pudessem barrar o caminho à realização prática dos seus desejos. Era na realização dessa tarefa que os seus esforços iam empenhar-se durante os meses perturbados que se seguiriam à publicação do decreto de 25 de Setembro de 1940.

## AS REFORMAS DE TERBOVEN

Essa transformação iniciou-se com a publicação do decreto que destituiu o rei e a família real e que dissolveu os partidos políticos existentes à data da ocupação. Os conselheiros de Estado nomeados por Terboven, nas condições que já indicámos resumidamente, procuraram, no seu campo de acção, dar cumprimento rápido às ordens recebidas do Comissário do Reich. Os acontecimentos, depois disso, não deixaram de se precipitar na Noruega, a um ritmo cada vez mais forte e acelerado.

Começaram a ser publicados vários decretos com os quais se procurava fazer desaparecer a base jurídica sobre a qual repousava a constituição da antiga sociedade norueguesa. Os

funcionários públicos, que não foram considerados suficientemente afectos ao novo regime criado, sofreram a pena de demissão. Os recursos de carácter administrativo que, no velho direito norueguês sempre haviam sido respeitados como uma garantia de estabilidade dos servidores do Estado, foram abolidos.

Ao mesmo tempo, era instituído um Tribunal popular para julgar os delitos políticos. Os membros desse Tribunal foram escolhidos entre os elementos conhecidos pelas suas ligações com o partido quisling. Além dos casos políticos, a esse Tribunal competia, igualmente, o encargo de julgar os casos relacionados com os delitos praticados contra a autoridade do partido.

O Supremo Tribunal de Justiça, cujas prerrogativas tradicionais eram assim postas de parte, dirigiu um veemente protesto ao Departamento de Justiça do qual constavam as seguintes passagens:

«O decreto que criou o Tribunal do povo deu ao conselho de justiça e ao Departamento que dirige a possibilidade de intervirem na composição dos tribunais por uma forma que está em manifesta oposição com os princípios em que assenta a nossa ordem jurídica. Esse decreto excede, igualmente, os limites que um conselheiro de Estado, agindo em nome da potência ocupante, pode exercer nos termos da Convenção de Hala de 1907. Essa Convenção diz que a potência ocupante deve respeitar as leis do país que ocupa, a não ser que para isso haja qualquer impedimento».

## A ORDEM JURIDICA

Mês e meio depois, recebeu o Supremo Tribunal a resposta ao seu protesto. Essa resposta era formulada, não pelo Departamento de Justiça, mas pelo próprio Comissário do Reich. Nela se dizia que o Supremo Tribunal não tinha autoridade para apreciar a validade dos decretos emanados dele Comissário ou dos conselheiros de Estado da sua nomeação.

Decorridos cinco dias, o Supremo Tribunal replicava nos seguintes termos: «O Comissário do Reich declara que, nem o Supremo Tribunal nem quaisquer outros tribunais noruegueses podem julgar a validade das disposições legais decretadas por ele ou pelos conselheiros de Estado, por lhes competir exclusivamente decidir quais as medidas que devem ser tomadas para a manutenção da

vida e da ordem pública no país. Permitimo-nos observar que, segundo a lei norueguesa, os tribunais são obrigados a verificar a validade das leis e dos decretos, mesmo quando estes são de carácter administrativo. Durante a ocupação militar, os tribunais devem, por isso, apreciar a validade dos decretos emanados da potência ocupante, sob o ponto de vista do direito das gentes. Não podemos, por isso, aceitar a opinião expressa na carta do Comissário do Reich, quanto à competência dos tribunais, sem faltarmos às nossas obrigações como Juizes do Supremo Tribunal de Justiça da Noruega. Entendemos, também, que não podemos, de futuro, continuar no desempenho dos cargos que ocupávamos».

No decreto do Führer de 24 de Abril, promulgado logo em seguida à ocupação, declarava-se que a Noruega seria governada de acordo com as suas leis e com a sua Constituição. A atitude do Supremo Tribunal de Justiça da Noruega fundamentava-se, precisamente, nesta garantia. O ponto fundamental consistia em saber se, no futuro, a Noruega continuaria a ser governada segundo os princípios do direito norueguês ou, se pelo contrário, seriam outras as regras de direito que teria de observar. Era a Noruega uma comunidade cuja vida se fundamentava no direito tradicional ou passavam os interesses do Reich a dominar toda a vida da nação norueguesa? O esclarecimento deste assunto era de importância fundamental para a vida e para o futuro de todos os cidadãos noruegueses.

## O «HIRD» DE QUILSING

A Associação dos Advogados e a Associação dos Juizes colocaram-se ao lado do Supremo Tribunal. Os pontos de vista expressos por este último tiveram a aprovação incondicional da maior parte da população e, sobretudo, dos meios relacionados com as questões de direito. Mas essa circunstância não impediu que aqueles pontos de vista fossem rejeitados e que os juizes fossem demitidos. A Noruega passava a ser um país ocupado, de onde havia sido banida a regra do direito indispensável ao funcionamento normal de qualquer comunidade organizada em bases de independência nacional.

Um passo dado neste mesmo sentido foi o que representou a liberdade de acção concedida ao «Hird» de Quisling. O «Hird» era uma organização composta por cerca de mil e quinhentos rapazes que, devidamente armados e uniformizados, viam os seus serviços utilizados geralmente em paradas e expedições punitivas que então começaram a tornar-se frequentes. Essas expedições dirigiam-se principalmente contra outras organizações escolares. Em 30 de novembro de 1940, os elementos mais audaciosos do «Hird» assaltaram o Instituto Comercial de Oslo onde o director e alguns professores foram maltratados.

O alargamento dos poderes concedidos aos membros do «Hird» transformou este, rapidamente, numa instituição oficial com todas as prerrogativas que derivavam dessa condição. O Departamento da Instrução passou a exercer uma actividade idêntica à que fora desenvolvida pelo Departamento da Justiça no caso de protesto do Supremo Tribunal. Os professores das escolas de todos os ramos e graus de ensino foram convidados a trabalhar a favor da ordem nova.

Com esta acção conjugavam-se a do Departamento de Polícia que começou, igualmente, a adoptar medidas cada vez mais severas em relação aos elementos considerados pouco afectos ao novo estado de coisas que se criara na Noruega. Os efeitos dessa acção não tardaram a ser alargados às instituições religiosas que foram das que mais vieram a sofrer com o regime de ocupação que se prolongou, na Noruega, ao longo dos quatro anos seguintes.

(Continua)



A luta pela posse de Narvik, ocupada pelos ingleses e a acção heróica em Lofoten, pode dizer-se que foram os momentos culminantes da campanha da Noruega. Aqui vemos Hitler estudando a marcha dos acontecimentos, com o seu estado-maior.



No exílio, no Canadá, a juventude norueguesa nunca deixou de se preparar para a guerra. Ei-la em Toronto, treinando-se para um «raid» à Europa.



Outro aspecto da escola de pilotos noruegueses, em Toronto, donde saíram milhares de aviadores para o ataque ao ocupante da sua pátria.



Depois, durante as horas de descanso, a juventude da escola de pilotos de Toronto podia pensar com optimismo no futuro e retemperar-se espiritualmente nos belos cânticos noruegueses, tão dolentes e expressivos.



O rei Haakon da Noruega passa revista aos alunos da Escola de Cadetes, estabelecida em Inglaterra.



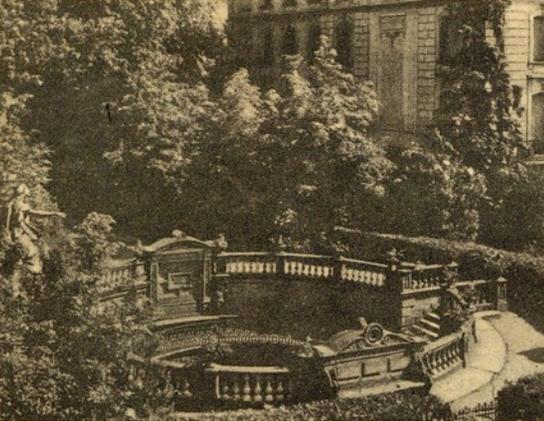
## VIAGENS MARAVILHOSAS

# NO DANUBIO, O RIO DOS ENAMORADOS

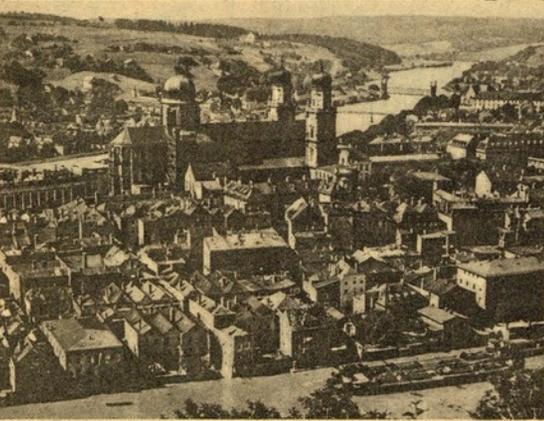
○ Danúbio, a grande estrada marítima, volta a estar em foco, trazido às primeiras páginas dos jornais pelo noticiário da guerra.

Ele serve nada menos nada mais do que seis grandes países: a Alemanha, a Eslováquia, a Hungria, a Sérvia, a Bulgária e a Romênia. Isto basta para vincar a sua indiscutível importância de grande via internacional.

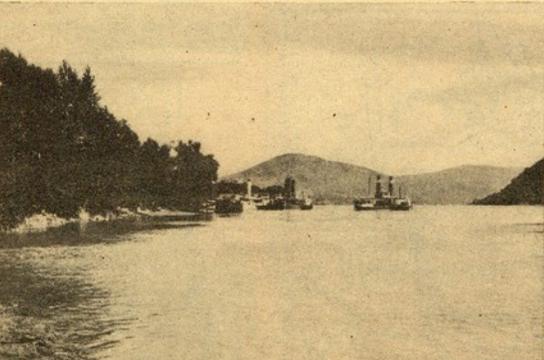
Imortalizado por Strauss na sua valsa eternamente bonita — o Danúbio é bem, apesar dos horizontes sombrios de hoje pairarem sobre ele, o rio dos enamorados e das confidências de amor...



Eis a origem do Danúbio maravilhoso. Fica aqui mesmo, no velho Castelo do príncipe Fürstenberg, em Donauwörth, nas margens da Floresta Negra. Entre árvores frondosas, num recanto verdadeiramente romântico, as águas do Danúbio começam a correr para ir ligar seis pátrias diferentes, constituindo uma imensa bacia de 800 milhas de quilômetros quadrados...

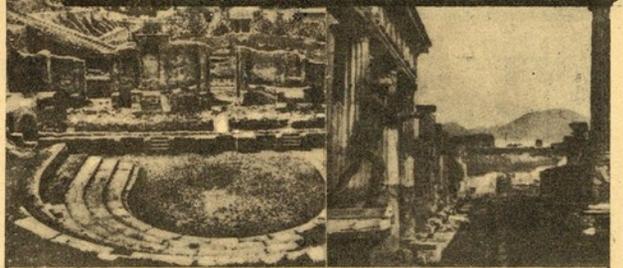


Mas deixemos esse belo castelo de Donauwörth, donde se avistam num alucinante panorama as duas célebres linhas militares: Maginot e Siegfried, e vamos até à característica e sugestiva Passavia, onde o Danúbio, passados muitos obstáculos, começa finalmente a ser navegável...



Aí que por fim, depois de banhar Budapeste e Belgrado, depois de atravessar a Romênia, de lado a lado, depois de ter corrido 800 milhas de quilômetros quadrados e de servir 130 milhões de pessoas, com as suas possibilidades inúmeras, directas e indirectas, o majestático Danúbio lança-se triunfante a caminho do mar...

## ITINERARIO PITORESCO



# As estátuas vivas de Pompeia

DE súbito, essas estátuas vivas erguem-se diante dos visitantes e deixam-nos atônitos, assombrados, como se os tivessem levado, no mesmo instante, para um mundo irreal e fantástico. São homens e mulheres, no momento final entre a vida e a morte, no momento em que a catástrofe os atirou por terra, como bonecos, sem mais uma palavra, sem mais um gesto, sem mais um pensamento.

Espectáculo único no mundo! Nada de reproduções de corpos humanos nem tão pouco múmias ressequidas e disformes. Não! São as próprias criaturas vivas na hora horrenda da catástrofe...

Mas recordemos um pouco. Como é de domínio público, Pompeia não foi inundada pelas lavas, contrariamente ao que se pensou durante largo tempo. Apenas caiu, após violentíssimo tremor de terra, uma chuva imensa de cinza, à qual se seguiu outra de pedras-pomes incandescentes. Contudo, nesse momento já os habitantes que não tinham conseguido o milagre da fuga, estavam mortos, intoxicados pela violência dos gases. Aliás, os corpos encontrados posteriormente deram mostras evidentes da rapidez da morte que os assombrou.

Hoje, podemos deparar com eles... e vemos um homem deitado de bruços, escondendo o rosto entre os braços, na ánsia desesperada de escapar à asfixia. E há outro torcido numa angústia sem limites. E outro, acorçado, de mãos erguidas para o céu. E outro caído junto de sua casa, segurando ainda a chave com que tentava fechar a porta. E, sobre todos, essa extraordinária estátua viva que é um pequeno, um enfezado cão de rua, curvado, de patas no ar, de boca aberta, apanhado em plena pujança de vida...

Voltemos, porém, à história. A cinza do Vesúvio caiu sobre Pompeia, horas e horas. A maior maldição da Natureza! E tudo acabou quando uma chuva torrencial formou a vasta e monstruosa apurée, sob a qual ficaram casas e pessoas, objectos e animais, um passado e um povo...

Então, à maneira que o tempo ia decorrendo, homens e animais dissolviam-se em pó, reduziam-se ao nada de que tinham nascido. Apenas o molde dos corpos se conservava no seio da massa compacta e rija, talvez para recordar à posteridade a legenda negra de Pompeia.

Os primeiros escavadores destruíram tudo isso, até que o sábio italiano professor Fiorelli apresentou ao mundo esse processo magnífico de fazer reviver a nossos olhos os irmãos mortos da cidade amaldiçoada. E, de facto, o professor Fiorelli deitando gesso líquido dentro, sempre que cada corpo aparecia, permitiu o milagre das extraordinárias estátuas vivas, únicas no mundo.

Há muitas coisas, e das mais belas, para ver nessa Pompeia, ressuaciada aos poucos. Mas de entre todas elas, as estátuas do professor Fiorelli representam bem o símbolo da cidade que se conserva viva mesmo para além da morte!

GENTIL MARQUES

## COMO NASCEU JOHANNESBURG

NUM belo dia de 1886 andava um certo George Walker a limpar as terras da sua propriedade existente na savana do Transvaal, quando de repente, ao bater com a enxada numa saliência pedregosa, descobriu um bocado de ouro.

Animado, ele continuou a pesquisa e ficou verdadeiramente boquiaberto. Debaixo dessas terras encontrou o mais rico jazigo aurífero do mundo. Um perfeito El-Dorado. E, afinal, — triste coincidência — alguns anos antes, os boeres, no seu exodo para o norte, tinham passado por ali, fugindo à agressão inglesa e sem pensarem sequer que havia ao alcance da mão uma riqueza enorme...

A descoberta de Walker, porém, teve como consequência a exploração da série de minas que se estendem ao longo do Grande Filaão, no distrito de Witwatersraud. E a pequena fazenda de Walker, com o tempo, transformou-se na próspera cidade que se denomina Johannesburg...

## CASAS QUE SE AFUNDAM

PARA proteger-se dos prejuízos que possam causar as tormentas, poelras, furacões e, até certo ponto, as tempestades e qualquer possível bombardeamento aéreo, o inventor americano André d'Arnyco imaginou um curioso plano de construções que, nos casos já previstos, desaparecem no interior do solo.

## RETRATO DE FAMÍLIA



Uma família da Transilvânia Meridional, com os seus trajes pitorescos de dia de festa.

Trata-se de pequenas moradias de dois andares, edificadas no terreno cavado no solo, as quais se 'afundam' lentamente, mediante a acção dum êmbolo hidráulico, deixando rente ao solo apenas os tetos de metal reforçado.

## VENTURA TROCISTA



— Digo-lhe sr. Ventura que minha filha é um encanto, uma verdadeira pérola!...



— Ora, ora, e quem se convencerá de que a senhora é uma ostra?...



## Graça de Almanaque

### UM DISTRAÍDO

O Dr. Jeremias é um tanto distraído. Não lho levemos a mal que há muito boa gente a sofrer do mesmo padecimento.

Ora, o outro dia, ia a sair de casa, de jornal na mão mas, não reparando na escada, foi por ali abaixo a marcar galos na cabeça.

Acode um vizinho e ao ajudá-lo a levantar-se, diz:  
— Espero que V. Ex.\* não esteja ferido...

O Dr. Jeremias apalpa-se e assegura, do cúmulo da distração...  
— Não, a minha excelência não está ferida. A cabeça é que ficou magoada!...

### EXCESSO DE CONFIANÇA

Um dias destes, um dos nossos romancistas, entrou no escritório de um editor e perguntou-lhe:

— Está disposto a editar o meu novo original?

O editor, que é bom negociante e tem os livros deste romancista ao canto da prateleira, propôs:

— Está bem. Mas apenas com estas condições: pago-lhe quinhentos escudos por cada idéia que o seu romance contenha!

O romancista pensou um momento e contra-propôs:

— E se me pagasse antes quinhentos centavos por cada página?

### QUIPROQUO

A orquestra acaba de atacar uma página de Chopin. Madame Faria, que assiste ao concerto, pergunta a seu esposo que consulta o programa:

— Que vem agora?

— «A Judia»...

A seu lado, uma voz atrai:

— Sempre há gente muito mal educada!

Era a esposa de um banqueiro judeu que acabava de chegar...

### MAS COM CERTEZA!

Virginia, acompanhada do noivo, vai visitar uma exposição. Ele chama-se Paulo e é tímido como um menino *suring*, ao passo que ela é espetivada como uma *sulfamida*.

Diz ele, atentando numa reprodução da Vénus de Milo:

— As mulheres, antigamente, tinham a cintura mais larga do que hoje...

Responde ela, muito enofrada:

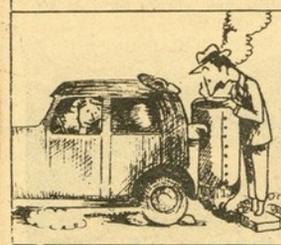
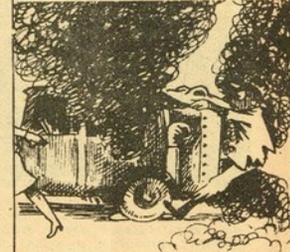
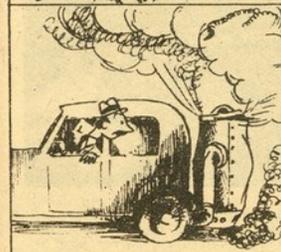
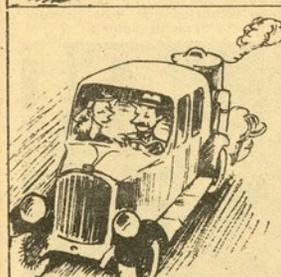
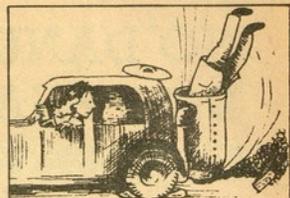
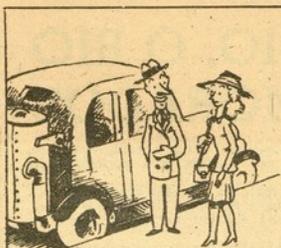
— Pois com certeza, meu amigo! Mas os homens, também, tinham os braços mais compridos!

Todos que nos lêem a conhecem: é uma velha feia e pretensiosa, com a mania de ser nova e bonita. Um jovem pintor retratou-a e ela desfêz-se em amabilidades:

— O senhor é um pintor consumado, um pintor de alto valor artístico...

— Oh! minha senhora, por quem é... não passo de um *pinta-monos*...

## Era uma vez um gasogénio...



— Papázinho, o professor diz que o símbolo da paz é o ramo da oliveira. E o da guerra, qual é?

— O de murta...

## UMA ANEDOTA

LILI faz uma chinfreineira e não quer ir só com a mamã para o parque, explicando:

— Há lá ladrões!...

A mãe ri e responde:

— Oh! filha, mas não tens vindo com a criada? Que te roubaram?

— Nada, porque a Maria vem sempre com um soldado para nos guardar...

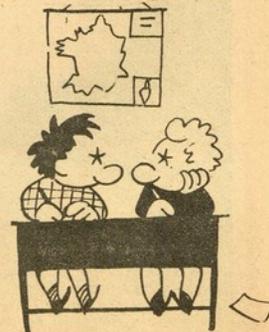


— A minha filha namora um estudante.

— E a minha um professor...

— De que faculdade?

— Da academia de bilhar...



— Enfim, acabou...

— A guerra?

— Não, o bom tempo de férias!

Nem a lente!



Depois de se aplicar o

### CASULO Limpa-Fatos

o tecido *NAO CONSERVA O MENOR VESTIGIO DE NÓDOAS, mesmo que seja examinado a lente!*

Este maravilhoso produto, sintese inimitável de 6 substâncias químicas inofensivas, só custa 2\$50.

Revenda:

**SCHROETER**  
& ALMEIDA  
Rua da Madalena,  
128, 2.º — LISBOA

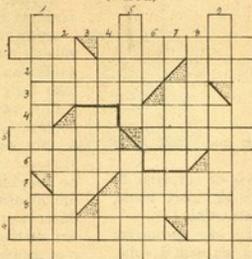


## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 49

Por José Rodrigues Correia

(Viseu)



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Fileira; outro nome da serra Acahy. 2 — Vila do concelho de Aveiro; concede. 3 — Sacos de coiro ou pano; troca. 4 — Apelido; circo. 5 — Rio de França; une-se. 6 — Guarneci de asas; igreja. 7 — Pronome; escolha. 8 — Gemido; prostram. 9 — Segurei; fecha as asas para descer mais depressa.

**VERTICAIS:** 1 — Mata; actual. 2 — Nome próprio feminino; pôrto dos ant. Est. da Igreja. 3 — O mais; tempo do verbo suar. 4 — Nome próprio feminino; cólera (inv.); atmosfera. 5 — Aragem; percebes. 6 — Partes iguais; chefe etíope; progenitor. 7 — Cilada; nota musical (ant.). 8 — Cidade da Itália; todo o quadrúpede que serve para alimentação do homem. 9 — Falda; género de moluscos dos pântanos de água salgada.

PROBLEMA N.º 48

Solução

**HORIZONTAIS:** 1 — Diva; galegos. 2 — Elegre; ramada. 3 — Lírica; remir. 4 — Ada; ode. boa. 5 — Tez; nítidos. 6 — Os; lotaria. 7 — Samaria; la. 8 — Canoras; ves. 9 — Mal; ata; avo. 10 — Alvas; odores. 11 — Coares; atado. 12 — Arrumar; amas.

**VERTICAIS:** 1 — Delator; maca. 2 — Ilides; calor. 3 — Veraz; salvar. 4 — Agi; lan; aru. 5 — Economo; sem. 6 — Aditara; Sá. 7 — Ar; ete-rato. 8 — Lar; irisado. 9 — Eme; dia; Ota. 10 — Gamboa; varam. 11 — Ódlos; leveda. 12 — Sara; gasosos.

## DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º Concurso Internacional de Problematistas de «Damas»

2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

# PASSATEMPO

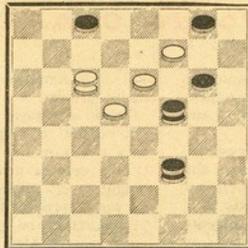
COMPOSIÇÃO N.º 18

(Final artístico)

Lema: «Lusiada VI»

«La Provincia», 12-10-44—Las Palmas (Espanha)

Pretas: 2 «damas» e 3 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 3 «pedras». As brancas jogam e ganham.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

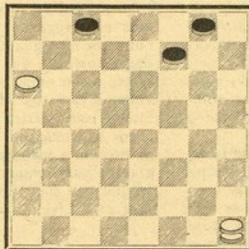
(Continuação)

Vejamos outro exemplo: o final técnico de Francisco A. Henriques, de Almeirim, que segue:

FINAL TÉCNICO

Por Francisco A. Henriques (Almeirim — Portugal)

Pretas: 3 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 1 «pedra». As brancas jogam e ganham.

Solução

B. 1-14, 26-22 (b.); B. 14-25, 22-19; B. 25-11; 29-26 (a); B. 11-25, 19-15 (ou 26-22); B. 25-29 e ganham.

(a) Não 29-26 mas sim 29-25; B. 11-4, 19-15; B. 4-7 e ganha. (b) Não 26-22 mas sim 29-25; B. 14-19, 25-21; B. 19-22 e ganham. É uma composição que pode confundir-se com o final artístico, porém resolve-se com processos técnicos.

Em todos eles se aplica a tática de bloqueio das «pedras» com ataque pela retaguarda a uma delas.

Esta confusão entre estes finais nasce do conceito erróneo de que os finais técnicos se ganham de qualquer modo.

(Continua no próximo número)

1.º «MATCH» INTERNACIONAL DE «DAMAS» (Lisboa-Canárias)

Para este encontro já se acham inscritos, pela equipa Canária, os seguintes jogadores de 1.ª categoria:

- 1 — Dr. Carlos R. Lafora.
- 2 — Eutiquiano Hernández.
- 3 — Javier R. Pulg.
- 4 — Mamerto Rodriguez.
- 5 — Carlos Machin.
- 6 — Agustín Silva.

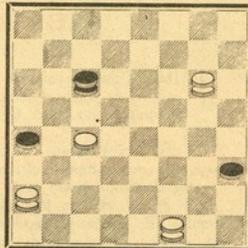
(Secção portuguesa)

FINAL N.º 12 (Concurso)

(Final técnico)

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

(Telde-G. Canária-Espanha)



As brancas jogam e ganham.

Colocação das peças:

Branças: «Dama» em 2, 8 e 21. «Pedra» em 15.

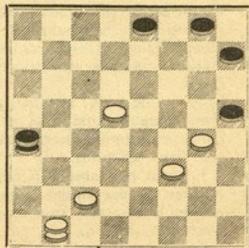
Pretas: «Dama» em 23. «Pedra» em 9 e 16.

Nota — O autor dedica este final técnico, original e inédito ao seu bom amigo e colaborador Francisco A. Henriques, de Almeirim.

PROBLEMA N.º 52 (Concurso)

Por Adamastor Manuel Pereira da Costa

(Pôrto)



Jogam as brancas e ganham em 4 lances.

JOGO N.º 10

Solução

20.º	15-12
8-15	21.º 26-22
17-26	22.º 22-19
15-22	23.º 18-17-16

e ganham as pretas.

CORRESPONDENCIA

Filipe Alistão Reis Teles Moniz Corte Real, (Vila Teixeira da Silva — Bailundo — Angola) — Agradeço que me informe quais os n.º da «Vida Mundial Ilustrada» que tem recebido.

Sr. D. Maria Ivone Morimont Corte Real, (Vila Teixeira da Silva — Bailundo — Angola) — Receberam-se tôdas as suas cartas tendo a última, a data de 5-9-944. Sua Mãe, Milú e Fernanda com muitas saúdes. Os seus problemas e os de seu marido e nosso amigo e confrade Filipe, estão nas condições devidas e serão publicados oportunamente. Vamos escrever já e aguardamos mais notícias.

A Sr. D. Lina leva lembranças nossas para o casal e séquito. Mandem mais trabalhos.

António Lopes, (Ovar) — Vou escrever-lhe.

Francisco Santos, (Nazaré — Multo obrigado).

Jorge Pessoa Pereira, (Lisboa) — Aguardo o favor de mais trabalhos seus.



## PÓ D'ARROZ "MONTEGIL"

UMA QUALIDADE SUPERIOR. ALIADA ÀS MAIS MODERNAS E LINDAS CÔRES

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

# ALUVA

Conto por R. V. JOYCE  
Desenho de CLAPERA

**J**AIME Dunne apoiou-se um momento ao peitoril da janela e deixou-se deslizar silenciosamente no solo. Ansioso, olhou à sua roda.

A casa estava situada nos arredores da cidade, separada dos campos cultivados por uma alta parede de tijolo. Eram perto de duas horas e a noite estava escura. Por isso se sentia bem seguro. E, enquanto percorria silenciosamente os campos, pensava com admiração nos seus nervos. Tinha cometido roubos muito tempo atrás, antes de se fazer respeitável ouvires na cidadezinha de Brampton. Depois, haviam passado muitos anos. Dez de vida respeitável, observando a lei, pelo menos, ficavam para trás...

A mão que se agarrara à extremidade da parede era firme como uma rocha... O corpo de Richard Strong, que jazia agora no interior daquela casa, num lago carmezim de sangue ainda quente...

Jaime Dunne ia pensando em tudo... Não, êle não pensara assassiná-lo mas as circunstâncias fizeram o inevitável. Realmente, havia sido vítima das circunstâncias. Os contratempos começaram quando um antigo companheiro de cárcere o reconheceu. A êste reconhecimento seguiu-se a «chantagem». Os negócios de Dunne eram prósperos mas os pedidos do chantagista eram cada vez maiores e mais insuportáveis.

Tratou de suprir as faltas, por meio do jôgo, sem conseguir outra coisa que não fosse afundar-se mais profundamente num lodaçal que o pôs diante da ruína.

E, então, não sabendo já o que havia de fazer, recorreu ao seu antigo officio. Richard Strong era um aposentado, cuja reputação como anti-quário ia além da sua terra. Julgava-se que tinha jóias antigas, em ouro, de valor fabuloso e Dunne muitas vezes lhe fundira anéis, broches e argolas. Por isso, um roubo em casa de Strong podia fazer-se com toda a segurança, tanto mais que, entrar-lhe em casa, era coisa muito fácil. Como conhecia as dependências, o mais que faria era escalar o muro e alcançar a janela, subindo alguns palmos da canalização. Em Brampton não se julgava necessário tomar precauções contra os ladrões.

Quando Dunne encheu os bolsos com o ouro furtado e que se encontrava todo no mesmo compartimento, reconheceu que estava de posse de uma pequena fortuna. E, então, já se preparava para retirar, quando percebeu que, atrás de si, alguém se encontrava. Voltando-se, viu na sua presença o Strong em pessoa.

— «Dunne!» — fôra a sua única palavra. O gatuno segurava, por desgraça, um punhal oriental, maravilhosamente trabalhado. Quási sem pensar, num movimento instintivo de defesa, cravou-o em Strong. Tudo acabara...

Dunne arrastou o corpo para o interior da casa, fechou a porta, apagou a luz, correu de novo as cortinas e saiu por onde havia entrado, saltando a janela.

Não sentiu nenhum remorso.  
— «Não podia ter feito de outro modo!» — dizia de si para si. — «Reconheceu-me. Só podia fazer isto ou ir para a cadeia».

Recordava-se da expressão de surpresa manifestada no rosto de Strong e sorriu. Realmente, não tinha razão alguma para se recriminar. A morte de Strong era necessária à sua vida e não havia alternativa humana ou aceitável que se lhe oferecesse.

— «De resto, era um velho que pouco mais podia já viver...»

Sentiu-se seguro. Quem havia de suspeitar de um obscuro e vulgar ouvires de meia idade, para o acusarem de roubo e assassinio?

Não deixara nenhum rasto, não encontrara ninguém pelo caminho, nem à ida nem à volta, e a sua própria rua estava deserta, quando entrou pela porta lateral da sua casa, onde mais ninguém morava. Uma mulher vinha todos os dias para tratar dos trabalhos caseiros e o seu quarto ficava na parte detrás da casa. Antes de acender a luz, cerrou as cortinas pesadas sobre a janela e meteu a mão no bolso, donde tirou uma luva. Com enorme surpresa, meteu outra vez as mãos nas algibeiras mas não encontrou o que procurava. Nervosamente, voltou a procurar, remexeu nos objectos roubados que não tirou das algibeiras. Por estranha razão, tinha medo de os olhar, e até àquêle momento, pensara mesmo que só lhes tocaria quando os fôsse pôr no cofre da officina, escondido nas traseiras da casa.

Finalmente, abandonou a busca. O seu rosto exprimia terror.

Faltava a outra luva! Tinha-as tirado do bolso em casa de Strong, colocara-as sobre a mesa, enquanto enchia os bolsos com as jóias roubadas. Mas era capaz de jurar que as tinha metido outra vez na algibeira, antes de regressar. A verdade, porém, é que faltava uma e, por dentro, estava o seu nome e a sua direcção. A ideia de voltar à casa roubada, de entrar no lugar onde Strong jazia inerte, causava-lhe uma espécie de terror supersticioso. A recordação do rosto do morto com a sua estranha expressão de surpresa, gravada para sempre pela morte, causou-lhe um arrepio que lhe provocou um grito abafado na garganta. Lívido, com a fronte salpicada de

suor, permaneceu, durante algum tempo, no meio da casa, com as idéias confusas a avassalar-lhe o cérebro, a pôr-lhe a cabeça à roda.

— «Não posso fazê-lo, não posso!» — murmurou.

A visão da guilhotina apresentou-se-lhe nitidamente. Estremeceu como se estivesse com febre e sentiu o corpo gelar-se-lhe. Sempre na sua vida de criminoso sentira êsse horrível temor da guilhotina. Essa antiga obsessão voltava agora mais forte que nunca.

Com passos vacilantes, voltou à rua, escura e deserta. O percurso era um tormento. De cada recanto, parecia-lhe ver surgir um espectro e, à vista de um grande papel de embrulho, caído no caminho, não pôde dominar um grito. Por um momento, pareceu-lhe que estava ali o cadáver no meio do charco de sangue. Chegou ao seu destino e trepou à janela, banhado de suor e os membros a tremer. A casa estava às escuras, tal qual a deixara mas pareceu-lhe que, junto da porta, havia um objecto mais escuro. Precisava de dar volta ao comutador mas êste estava junto do cadáver. Apellando para todas as forças, correu as cortinas da janela e cruzou o compartimento. Os pés tropeçaram-lhe em qualquer coisa de brando e deu dois passos atrás, com o coração a martelar furiosamente. Os dedos trémulos acharam o comutador e a sala inundou-se de luz.

Richard Strong jazia a seu pé. Daria tudo, para poder evitar aquêle espectáculo mas, na verdade, o seu rosto exercia sobre êle uma estranha atracção. Apesar da repugnância, pegou na manga do casaco do morto e desviou-lhe o braço...

— «Mãos ao ar! Meu Deus, mãos ao ar, canalha!»

Levantou a visto e deu um grito, quási perdendo os sentidos, tão grande foi a impressão que o novo choque produziu nos seus nervos sobreexcitados. A porta da sala estava aberta e o filho de Strong estava ali, apontando-lhe o revólver. Lentamente, ergueu os braços sobre a sua cabeça...

\* \* \*

O inspector que escoltou Dunne até ao posto de polícia era comunicativo, tanto mais que, para êle, enquanto não estivesse feita a prova

(Continua na pág. 16)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA  
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27